Revista da Semana

ANNO XXIX -- N. 25

9 de Junho de 1928

NOS TEMPOS DE DOM JOÃO VI
Quando a côrte de Lisbôa se transferiu para o nosso Brasil, a real equipagem não deixou de trazer aquella "Agua Milagrosa de Colonia No. 4711". As damas e os fidalgos não queriam renunciar a este nobre estimulante da vida mundana.
Transcorreu muito mais d'um seculo, e hoje a celebre "Agua de Colonia 4711" tem fama mundial, predominando entre as creações congeneres. Ella já não é uma das prerogativas dos Reis mas, sim, popular em todas as rodas onde reina o bom gosto.
Desenho registrado.
D'EAU DE COLOGNE
No 4711.
GLOCKENGASSE No 4711
No 4711. Agua de Colonia

ESTA REVISTA CONTÉM 44 PAGINAS

ANNO XXIX | Rio de Janeiro, 9 de Junho de 1928 | NUMERO 25

ANDO, ha dias, a pensar continuamente na Loteria de S. João. Tenho a impressão de que me vai sahir a Taluda. O diabo é eu ter de comprar o bilhete...

E dahi quem sabe? talvez não seja preciso. Nisto de sorte grande ha, por via de regra, qualquer coisa de extraordinario, de milagroso. E' rarissimo tirar o primeiro premio quem simplesmente adquiriu o seu numero e esperou que a roda andasse. Surgem sempre circunstancias complicadas e sensacionaes. Duma feita, o individuo a quem a Fortuna escolhera para seu afilhado não queria nem á mão de Deus Padre habilitar-se e só se resignou a ficar com o papelinho prodigioso pela impossibilidade de se desfazer delle; doutra occasião, um pobre diabo esfomeado encontrou na rua uma nota de cincoenta mil réis e, quando ia correr a um *restaurant*, um palpite mais forte que as injuncções do estomago o precipitou para uma agencia de loterias; doutra vez ainda, um vendedor de bilhetes deixou passar a hora de restituir á casa o "inteiro" que toda a gente refugara, o patrão debitou-o pela respectiva importancia... e foi aquelle o numero premiado.

Serão verdadeiras todas essas historias? Acontecidas ou inventadas, não deixam nunca de aparecer, e ninguem pensa em as pôr em duvida. Já se sabe que á sorte grande do Natal ou de S. João — mas á de S. João principalmente — tem que corresponder um assumpto de novella, de anecdota pelo menos. E' tradicional, é classico. Aqui ha alguns annos, passou-se a historia maravilhosa em S. Paulo e toda a gente no Rio a recontou, convictamente. Um sujeito altamente sympathico e estimado, que tinha por longo tempo exercido o mister de banqueiro de roleta, passara — conforme a eloquente expressão profissional — a andar mal com Deus e em pouco tempo perdera até o ultimo vintem. Destituido de qualquer outra vocação ou habilitação ia vivendo, amparado por dois ou tres amigos fieis — mas desgostoso, desanimado, descrente de tudo... Ora, em vesperas de S. João, um desses amigos, que era negociante, ao vel-o entrar no armazem, á hora do almoço, disse-lhe:

— Sabe, Fulano? Comprei dois bilhetes de loteria e você vai ficar com um delles.

— Ora, deixe-me aqui! respondeu o ex-banqueiro. — Tomara eu para outras coisas...

— Não faz mal, paga quando puder.

— Mas não quero, é boa! Nem de graça! Nem que você me pagasse, ainda por cima!

— Não seja tolo, pegue lá...

Mas o homem recusou, negou-se formalmente a acceitar a cautella. O commerciante, então, usou dum estratagema: fingiu conformar-se com tal recusa, foi ao escriptorio e lançou no Borrador: "Fulano deve: importancia dum bilhete numero tal da Loteria de tal, a extrahir-se em tal data — tanto". Assim, o rebelde ficava inilludivelmente possuidor do bilhete em questão. E escusado será dizer... Naturalmente!

Os santos do mez de Junho são excepcionalmente fantasistas e folgazões. Santo Antonio deixou uma reputação patusca, que os seus devotos mais compenetrados manteem contando as partidas que elle pregava ás moças junto á fonte, aos namorados pelos caminhos. O proprio S. Pedro, apezar da gravidade e immensa responsabilidade das suas funcções celestes, possue um repertorio de historias que qualquer humorista desejaria ter inventado. Bem sabemos que o *Flos Sanctorum* não regista essas jovialidades; mas é dellas que a tradição se alimenta, e nellas se inspirava a feição galante e jubilosa dos festejos que os nossos avós não deixavam de celebrar e que nós — ai de nós! — tolamente vamos abandonando. Já se não vêem por ahi as fogueiras em que S. João, achando graça á candura dos seus fieis, lhes decidia a sorte, com passes de prestidigitação e de illusionismo; dictava cantigas aos trovadores; intrigava os noivos; fazia mil sorridentes, deliciosas diabruras. Quasi se não atiram foguetes em seu louvor nem se lhe presta a homenagem dos pistolões — agora consagrados aos politicos poderosos e altos funccionarios; e ninguem mais tira aquellas "sortes" em que tão reverentemente era invocado o seu poder na terra e nos céos...

O culto de S. João está reduzido quasi exclusivamente á loteria do seu nome. Só ahi, na attribuição da sorte grande, o Santo pode exercer o seu prestigio milagroso e as tendencias imaginativas e facciosas que a tradição lhe empresta. Desappareceram da cidade os crentes que em sua intenção accendiam luminarias, cantavam, pulavam as labaredas votivas; o que elle agora vê lá de cima é uma multidão de jogadores... Se, porém, a devoção se transformou, passou a exprimir-se por uma forma unica e tão diversa das praticas extinctas, o Santo, esse continua o mesmo. Santos não mudam como simples homens; a sua natureza e costumes são eternos. S. João mantem as suas prerogativas, os seus habitos millenares; e, como dantes brincava com os apaixonados, os cantadores, os curiosos do proprio futuro, agora se recreia á custa dos compradores de bilhetes de loteria. Entre elles arma e desenvolve os entrechos amaveis de comedia, de romance ou de conto da carochinha... Engendra para estes as mais pirracentas decepções; proporciona áquelles as surprezas mais regaladoras. Fal-os amarem-se ou detestarem-se uns aos outros pelos variados motivos e sentimentos de identidade de destinos, de aspirações e projectos communs, de interesse calculista, de inveja. Aproxima-os e separa-os tão seguramente como um director de companhia de fantoches, no forro do palco, maneja os cordeis invisiveis que fazem andar as peças... E sobre o regosijo duns, o desengano doutros, o espanto destes, a colera daquelles — o Santo, nas infinitas alturas, celebrando o seu dia, contemplando a sua obra, infinitamente se diverte.

Eis porque tantos casos comicos ou dramaticos acontecem com os que compram bilhetes da Loteria de S. João. Com os que compram, e os que não compram tambem. Ora, é este ultimo o meu caso. E quem sabe realmente se...

João Luso.

Pesadelo

conto de Adrien Vély

PERANTE Deus que tudo sabe e os homens e mulheres que porventura me lerem, juro que a seguinte narrativa nada deve á imaginação nem a qualquer caso que me contassem ou suggestão que eu tivesse recebido dum acontecimento da vida real.

Não inventei, nem adaptei, nem recordei este conto. Vivi-o, se tal verbo se pode aplicar a uma aventura de que se foi heroe em sonho. Porque se trata dum sonho ou, antes, dum pesadelo; e eu o vou relatar com toda a precisão de que o meu espirito, ainda abalado, fôr capaz.

Fui tirado do estado de inconsciencia absoluta pelo qual o repouso se assemelha á morte, por uma vaga sensação de angustia. Esta sensação pouco a pouco se foi accentuando, até eu ficar sabendo que uma desgraça me ameaçava. E de repente fui avisado, como se é avisado em sonho, sem nenhuma intervenção extranha, de que minha mulher ia ser assassinada.

Em estado de vigilia, naturalmente eu pediria informações, discutiria, procederia a qualquer fórma de verificação. Em sonho, acceitei aquillo como coisa certa e indubitavel.

Encontrei-me, então num quarto que nada se parecia com o meu e que todavia eu julgava ter sempre conhecido... Minha mulher estava no andar superior — conforme m'o especificava a mysteriosa mas segurissima revelação. Bastava, porém, para ir ter com ella, que eu subisse uma escada e immediatamente essa escada se apresentou aos meus olhos, com os seus degraus estreitos, uma volta apertada após o meio e um tosco corrimão de ferro. Assim, eu não tinha mais do que galgar esses degraus para prevenir minha mulher do perigo que a ameaçava e preparar-me, eu proprio, para a defender.

Succedeu, porém, que uma força invencivel me immobilizasse no logar onde me achava. E, na confusão que tal phenomeno me produzia, uma clara certeza se estabelecia no meu espirito: a certeza de que eu alli ficaria, incapaz de me mover, até que o crime se consummasse.

A dôr e o pavor gelávam-me o sangue. Nenhum supplicio se pode comparar ao que eu padecia...

Um homem ía entrar no aposento, em cima, para apunhalar minha mulher. Eu ouviria perfeitamente os seus passos sobre a minha cabeça. Acompanharia sem duvida possivel os rumores duma lucta, aos quaes se misturariam primeiro os brados de soccorro, depois os gritos de dôr e de desespero. E não poderia acudir, não me poderia mover dalli... Haverá supplicio mais atroz!

Pois o que se seguiu foi muito peor ainda, porque eu *esperava* o menor ruido, o menor estalido do soalho em cima e especialmente os gritos, os gritos horriveis pelos quaes me devia informar de que o attentado se ia consummar ou fôra consummado... E ainda agora me pergunto a mim mesmo como os abalos de tal crise me não acordaram vinte ou trinta vezes!

De repente, uma coisa insignificante, um deslisar de passos de velludo, um quasi nada, lá em cima, me annunciou que o horrendo acontecimento se produzira. Ao mesmo tempo, senti-me livre dos laços invisiveis que me impediam de subir. E no mesmo instante me vi no pavimento superior, sem ter precisado de me servir da escada — que, aliás, já lá não estava.

Villa Mesquita (Minas) — O rev. padre Affonso Painhas e os tres padres redemptoristas Avelino, Bonifacio e Theodoro, que foram festivamente recebidos naquella villa.

Era uma sala immensa. Não procurei com os olhos o assassino. Sabia que elle se tinha ido embora. Precipitei-me para minha mulher, estendida no soalho e em volta da qual varias senhoras de idade se agitavam, prodigalizando-lhe os seus cuidados. O seu hombro esquerdo, nú, apresentava uma ferida donde corria sangue. Os seus olhos meio fechados dirigiam-me um olhar de ternura.

— Seria o seu estado desesperador? Iria a morte arrebatal-a ao meu affecto? E ainda uma vez me pergunto como não acordei naquelle momento, tão alanceado, traspassado sentia o coração...

Uma das velhotas voltou-se para mim e disse-me que a minha pobre esposa estava realmente muito mal — mas não morreria. E eu recebi essa nova com perfeita serenidade, como se nunca me passasse pela mente que tal drama pudesse ter outro desfecho.

Em breve, porém, se formava ao nosso redor uma assistencia de curiosos, acotovelando-se, inclinando-se para ver o ferimento da victima, indagar do seu estado...

O numero dos basbaques foi augmentando progressivamente. Era agora uma multidão que enchia completamente a vasta sala, cujas paredes pareciam recuar para dar logar aos novos contingentes que continuamente iam chegando. E essa massa fazia uma pressão formidavel sobre a primeira fila, esforçando-me tanto quanto possivel por defender minha mulher das exigencias de tão desenfreada curiosidade...

Ao meu lado estava um homem bastante corpulento, de cabellos brancos cortados á escovinha e contra o qual me empenhei numa verdadeira lucta para evitar que elle me tomasse a frente. A certa altura, porém, o homem deu-me uma violenta cotovelada do lado esquerdo — e desappareceu.

Tive então a impressão bem nitida de que me haviam furtado a carteira. Levei a mão ao bolso interior do collete, do lado esquerdo... Com effeito a minha carteira, atafulhada de notas, tinha sido roubada. E a reacção foi tão forte — que acordei.

Estava alagado em suor. Minha esposa debruçava-se sobre mim, alarmada...

— Que foi isso? perguntou ella. — Estavas tão agitado... E dizias umas coisas sem tom nem som... Tiveste um pesadelo?

— Sim... respondi, ainda meio tonto — Um pesadelo horrivel! Sonhei que te tinham assassinado!

— E ficaste tão afflicto que acordaste? Meu queridinho, meu adorado...

E eu não me atrevi a desenganal-a confessando que tinha assistido, a dormir, á sua morte, e que só realmente o roubo da minha carteira me despertara...

OS GELOS DO POLO NO EQUADOR

O dr. Imfrey, da cidade do Cabo, é de opinião que a Terra se está deslocando, quer dizer: que o Polo arctico se afasta gradualmente do sol, ao passo que o antarctico delle se aproxima. Os gelos do Polo sul recuam na razão de 40 milhas, ou cerca de 65 kilometros, por anno.

A proposito, recorda um jornal que, numa das suas expedições ao Polo sul, encontrou o dr. Jean Chacot entre os gelos vestigios de plantas equatoriaes. E é interessante a previsão de que o desvio do eixo da terra poderá, em tempos longinquos, levar o Polo para o Equador — como parece certo que lá estava na origem dos tempos...

AS RELIQUIAS DE NELSON

O famoso navio de Nelson, em Trafalgar, Victory, estava sendo, ha alguns annos, cuidadosamente conservado no porto de Plymouth. Em 1921, notou-se que, apezar de todas as precauções, o casco se deteriorava e o navio corria o risco de se afundar. Foi então levado para o dique fluctuante, afim de receber as necessarias reparações. E resolveu-se, ao mesmo tempo, restabelecer o aspecto que elle offerecia por occasião da celebre batalha — porque, em 1840, o Victory fôra "modernizado" e pintado de branco e preto.

Agora, ser-lhe-hão restituidas as decorações de 1805: a prôa trabalhada e as esculpturas da vasta pôpa.

Os trabalhos dessa restauração devem terminar por todo o corrente mez. E, logo depois, far-se-ha em Londres uma "Exposição Nelson", em que figurarão numerosas reliquias do grande marinheiro, nunca mostradas ao publico, e tambem a magnifica mascara de Nelson moldada a bordo do proprio Victory pela irmã do Almirante.

PENSAMENTOS

Devemos nos consolar de não termos grande talento como nos consolamos de não termos grandes posições. Podemos estar acima de um e de outros pelo coração.

*

O orgulho é o ponto mais sensivel do coração: por mais de leve que se lhe toque, a dôr faz-nos gritar.

JAPONEZAS MODERNAS

As mulheres japonezas estão abandonando o kimono tradicional; e parece, pela progressão que esse movimento está tendo, que não tardará muito a adopção integral, no Japão, do trajo feminino europeu.

A sra. Fusae Ishikawa, uma das mais conhecidas feministas do Japão, dá numa revista as razões de tal mudança. O vestuario europeu é menos caro, diz ella, dá mais liberdade aos movimentos e adapta-se muito melhor á vida moderna. Os que lamentam, por motivos de ordem artistica, o abandono do kimono não levam em conta as mudanças exigidas pela vida moderna. Como as suas irmãs occidentaes, as Japonezas entram na carreira commercial, adoptam as profissões liberaes e todas, por assim dizer, frequentam escolas, vão a concertos e conferencias, fazem as suas compras nos armazens. Ora o kimono pertence a uma época em que as mulheres levavam vida muito differente da de hoje; é um vestuario de andar por casa e não para sahir á rua.

CIDADE DE MORTOS

Os Egypcios continuam a votar aos seus mortos a veneração doutrora. Não a manifestam construindo pyramides, mas os seus cemiterios bem merecem a designação de "cidades de mortos". Esses cemiterios compõem-se de alamedas excellentemente tratadas, ensombradas por palmeiras magnificas, jazigos que são verdadeiras casas, com salas de recepção. E certas occasiões do anno os vivos visitam, sem falta possivel, esses logares onde se imagina que os mortos "recebem" e o seu espirito se regosija vendo aquelles a quem amaram.

Os jazigos de familia correspondem a casas com maior ou menor numero de compartimentos, mais ou menos ricamente mobilados e onde o tumulo, coberto de estofos preciosos, occupa o logar de honra. E as "cidades de mortos" merecem muito mais vigilancia e cuidados que certos bairros habitados por vivos.

PENSAMENTOS

A liberdade é incompativel com o amor; um apaixonado nunca deixa de ser um escravo.

*

Pensa nos males de todos os outros e tu te affligirás menos com os teus.

Um grupo de gentis senhorinhas, vestidas á moda do Minho, numa festa em Valença (Portugal).

Elegancia Masculina

Nova York, MAIO DE 1928

CAMISAS SPÓRTIVAS

As camisas sportivas obedecem a um padrão mais liberto de formalidades, mais phantasista, mais simples e mais pessoal

do que aquelle que rege as camisas de uso diario na vida agitada da cidade.

Assim, quando uma pessôa frequentar o seu club campestre, de polo, excursionismo ou de qualquer outra modalidade de sport, seguirá bem os preceitos da elegancia masculina se porventura se apresentar com um terno simples, folgado, de linhas eminentemente sportivas, combinado com uma camisa moderna, propria para essas occasiões.

As melhores casas desta cidade apresentam os mais variados padrões dessas camisas: pintadas, listadas, enxadrezadas, com desenhos em arabesco e com desenhos em estampado, de todas as cores e matizes; o facto, porém, é que esses padrões estão se tornando muito populares, constituindo assim modelos consagrados.

REMINISCENCIA LONDRINA

A' feição dos que bem se vestem em Londres, cada vez mais se estão consagrando os colletes á phantasia, para uso diario, usados por homens elegantes desta cidade. De passagem, porém, convem que se diga que não ha cousa tão velha

como os modelos de collete que estão reapparecendo. Todos os que se lembrarem dos bons tempos de Charles Dickens fatalmente pensarão nesses colletes de trespasse, de gola virada, de base recta, confeccionados em fazendas enxadrezadas á moda escosseza.

O seu uso fica muito bem, combinado sempre com um terno escuro, apresentando neste caso o collete um tom claro-escuro, sobrio, discreto, para poder ser verdadeiramente elegante.

VIGOR DE LINHAS

Nas modas masculinas, como em qualquer outra manifestação da arte, as linhas singelas, sem adornos e bem denifidas, constituem a expressão suprema das expressões artisticas.

De mais a mais é preciso que se tenha sempre em consideração a questão do gosto pessoal: se ha homens que gostam de emprestar certa vivacidade á maneira de vestir, outros ha, porém, que não acceitam o enfeite, seja elle de que maneira fôr, até mesmo uma flor á lapella em occasião mais festiva.

Por isso, para conciliar todas as divergencias que possam surgir, não ha melhor solução do que os ternos simples, precisos, de linhas faceis, constituindo o melhor padrão da elegancia.

John Sullivan,

O MODELO DOS PATRÕES

A Associação das Dactilographas dos Estados Unidos abriu um concurso entre as suas filiadas para se saber qual vem a ser, no entender das empregadas, o patrão modelo e as suas qualidades caracteristicsa.

O patrão que teve mais votos — cerca de 1000 acima do seguinte votado — foi o presidente duma companhia de electricidade. Eis os meritos que lhe foram reconhecidos:

Chega sempre á hora mas não reclama se a sua dactilographa chega ligeimente atrazada;

Attende pessoalmente ao telefone;

Veste-se bem e não fuma maus charutos;

Não pragueja;

Não diz á dactilographa que minta declarando aos visitantes que elle não está quando está;

Não se lembra nunca, no momento de fechar o escriptorio, que deixou de dictar nove cartas urgentissimas;

Não protesta quando lhe alteram ligeiramente o dictado;

Nunca se queixa de não ser comprehendido.

AS POLTRONAS DE VICTOR HUGO

Os descendentes de Victor Hugo offereceram o mez passado, á Cidade de Paris, a Hauteville-House, que foi a casa de Victor Hugo em Guernesey. Essa casa offerece a circumstancia especialissima de ter sido inteiramente mobilada e decorada pelo poeta.

Victor Hugo executou por suas mãos não só os desenhos e quadros que alli se encontram mas tambem varios moveis de estylo medieval e devéras interessanressantes.

Na galeria do segundo

andar do edificio, estão varias poltronas tendo nas costas, em caracteres formados por pregos côr de ouro: Mater, *a poltrona de Mme. Hugo;* Pater, *a do poeta, um pouco mais alta, como significação da autoridade paternal;* Filius, *a dum dos filhos; e* Amatus amat, *que significa: "O que ama é amado".*

Na sala de jantar vê-se a famosa "poltrona dos antepassados" com a divisa: Absentes adsunt *(Os ausentes estão presentes). Durante a refeição essa poltrona ficava vasia no logar de honra e inspirava, diz-se, certo temor aos convidados mais ou menos impressionaveis.*

O RELOGIO PERPETUO

Démos num dos nossos ultimos numeros uma nota relativa á descoberta feita por um Suisso dum relogio capaz de andar seculos inteiros, utilizando como força propulsora a pressão atmospherica e as variações da temperatura. Interrogado a tal respeito, um professor da Escola de Relojoaria de Paris respondeu o seguinte: "Não ha caso especial capaz de destruir as leis scientificas.

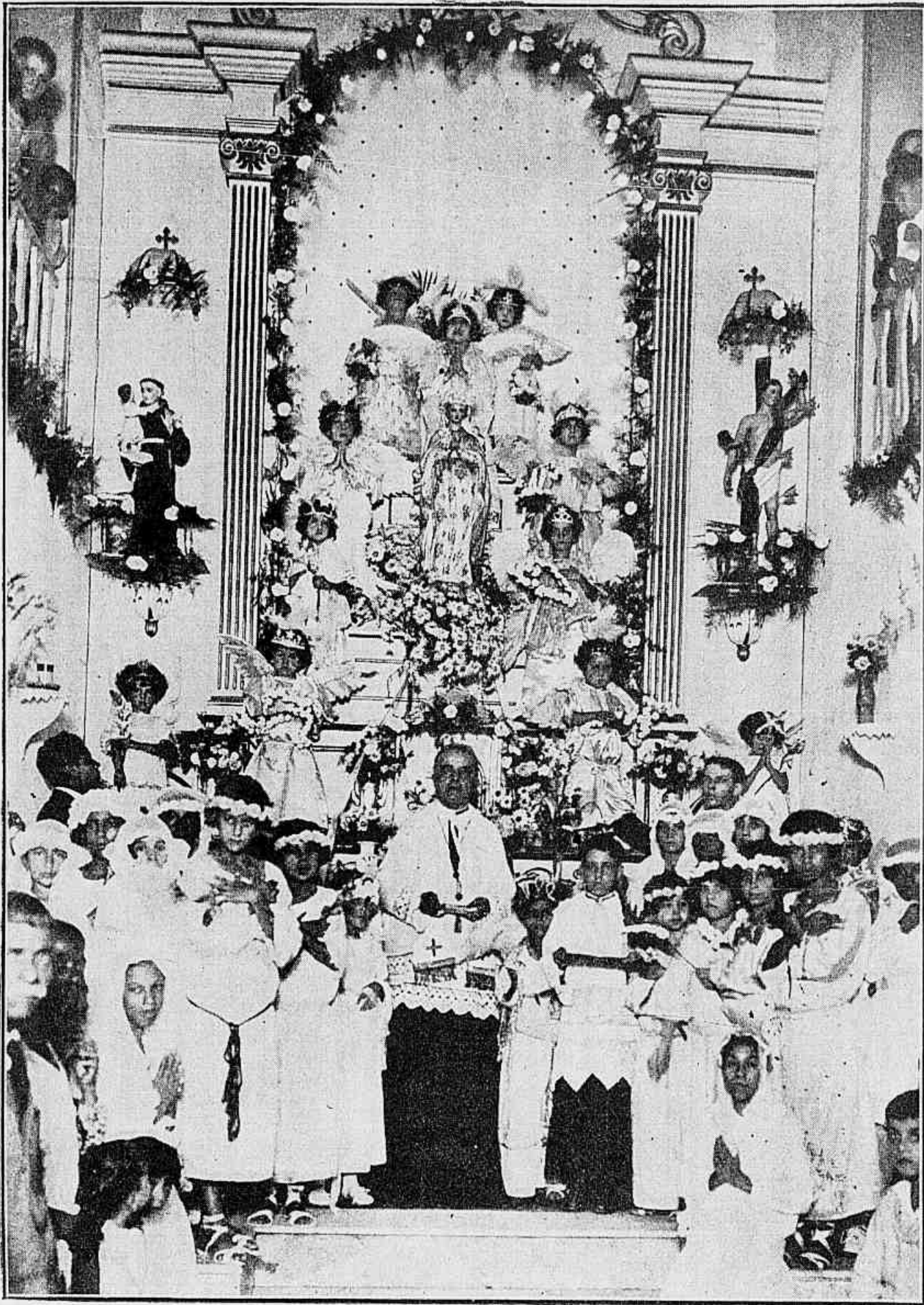
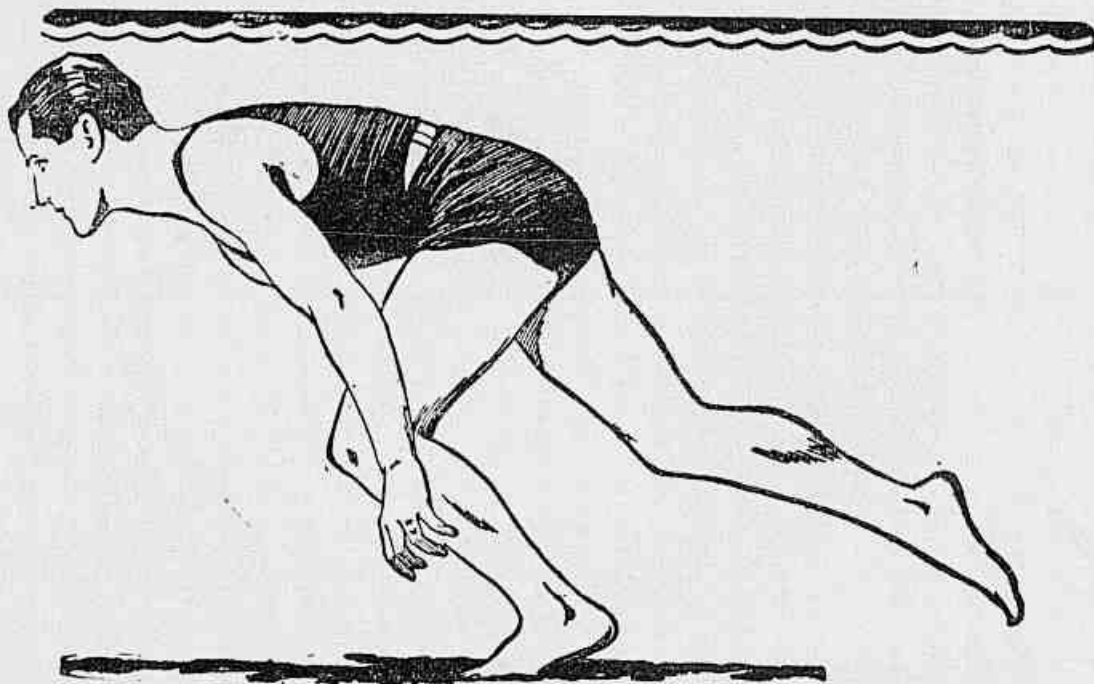
Em theoria, o invento suisso é admissivel. Os barometros e thermometros registradores não fazem mais do que transmittir a organs mecanicos as variações dos agentes naturaes, pressão e calor. Supponhamos que o seu movimento, em vez de se despender em traçar as curvas indicativas usuaes, se communica a uma roda dentada e se accumula numa mola; é quanto basta para fazer andar um relogio. E ahi está o motu-continuo.

Na pratica, porém, muda o caso de figura. Antes de mais nada, as forças naturaes são caprichosas: se a temperatura e a pressão não variarem durante muitos dias, acaba aquella energia. A questão principal, porém, é que as peças delicadissimas do instrumento se enxovalham e emperram, se gastam, e mais cedo ou mais tarde se immobilizam. Os nossos museus de relojoaria estão cheios desses engenhosos instrumentos destinados a resolver o mesmo problema e que nem sequer já provocam a curiosidade.»

PENSAMENTO

A maior illusão do homem é pensar que o tempo é uma margem: nós passamos, e é elle que parece andar.

RIVAROL.

Embarque do sr. Mario Jardim e familia.

Aspecto do encerramento do Mez de Maria, na capella de S. Pedro e N. S. da Conceição do Encantado, vendo-se ao centro o conego Lyra Pessoa de Maria.

OS CEGOS NO PARLAMENTO

Nas recentes eleições francesas, obteve a victoria das urnas um cego da guerra, o sr. Scampini. E' a primeira vez que um cego entra no Parlamento francez; mas o inglez teve um, de que guarda fiel e bem merecida lembrança.

Em 1850 apresentou-se candidato á Camara dos Deputados britannica o cego Henry Fawcett que se especializara em estudos economicos. Foi eleito. E tal autoridade adquiriu na Camara que foi feito ministro dos Correios (General Postmaster).

Nessa época, o pessoal dos Correios, que apresentava reivindicações de grande importancia, mostrava grande agitação: cortejos, comicios, gréves em projecto... Henry Fawcett foi á Repartição Geral dos Correios, fez um discurso aos descontentes, mostrando-lhes o que algumas das suas reclamações havia de exagerado, prometteu-lhes examinar as outras com toda a bôa vontade, e tão habilmente se houve na emergencia que poz termo ao conflicto, e logo depois tudo entrava na ordem e regularidade desejadas.

O Post Office conserva numa das suas salas o retrato do ministro cego, que foi um excellente ministro. E ha uma importante agremiação de auxilios mutuos dos funccionarios postaes inglezes denominada Fawcett's Association.

PENSAMENTO

O verdadeiro amor é aquelle que resiste á ausencia.

TOLSTOI

O QUE VAE PELO MUNDO

1 — S. M. o rei Affonso XIII, de Hespanha, e o ex-rei Jorge, da Grecia, passeando no stand do Real Hipodromo de Lemagarejo na primeira reunião da primavera (Madrid). 2 — No momento de apparecer phototelegraphicamente, transmitida de Londres para New-York, a assignatura do millionario americano Strasburger, que subscreveu por esse modo a acceitação do mandato que, durante a sua ausencia, lhe outorgou o estado da Pensylvania. 3 — O casamento do sr. Yanguas Messia, presidente da Assembléa Nacional de Hespanha, com a senhorinha Rosario Pérez de Herrasti. Os noivos na igreja do Perpetuo Soccorro, em Madrid. 4 — O dirigivel *Italia*, hoje perdido, em cujo bordo o general Nobile emprehendeu uma expedição aérea ao Polo Norte. 5 — O general Umberto Nobile, chefe da expedição ao polo, da qual não ha mais noticias. 6 — Grupo de officiaes que acompanharam o general Nobile na sua expedição. 7 — A senhorinha Nini Castellanos sahindo de sua residencia, em Madrid, acompanhada de seu noivo, o general Primo de Rivera, presidente do conselho de ministros de Hespanha. 8 — Gabrielle Colette, a celebre escriptora, com seus gatos *Kiki* e *Mitsou*, personagens do *Dialogo dos Animaes*, um dos mais bellos livros que existem.

Cronica de Paris

Vestidos curtos e lenços-gravatas

O inverno do Rio de Janeiro ainda tem um pouco de verão. Não vão mal, portanto, as indicações que aqui se vêem, sobre os ultimos vestidos estivaes, dignos do começo de inverno.

Fazem-se de lã finissima, misturada com seda, o que dá em resultado um tecido comparado ao das meias, que se presta ás formas que se quizer. Para viagem, para o campo e para a praia, em dias frescos é, além de pratico, bonito. Geralmente faz-se a saia com algumas pregas na frente ou nas costas, unida ao corpo decotado, de seda, e em cima o *sweater*, de mangas largas e golla voltada.

O fundo, liso, pode ser verde-amendoa crú, terra humida, azul porcellana ou vermelho lacre de tons claros, e azul marinha, marron ou cinzento. Como enfeite, teem uma banda de riscas horizontaes de tres côres, sem que falte o preto sobre os fundos claros e o vermelho sobre os escuros.

Taes vestidos, como o chapéu de feltro, não pertencem a determinada estação. São indispensaveis no guarda-roupa de inverno e de verão; unem-se ao gabão de pelles e alternam com sedas estampadas e chapéus de palha.

Conseguiram ambos conquistar a mulher, e é quasi certo que consentirá todos os caprichos da moda, menos que a separem desses genero de vestidos de ponto e do chapéu de feltro. Só uma cousa a apaixona, a ponto de prescindir dos tecidos de ponto e dos feltros: a saia curta. Se a moda impuzesse a saia comprida com o vestido de ponto, as senhoras, em vez de occultar as pernas, fariam o sacrificio de todas as suas predilecções.

As pernas, bonitas ou feias, têem de ser ostentadas, e sobre isso nada ha que dizer, mas sim pensar em que existe um phenomeno visual que faz ver as cousas como não são. Talvez algum sabio oculista encontre o meio de restituir aos olhos enfermos, porque nego a indiferença á tenacidade nessa questão transcendental, a visão justa da esthetica e da moral.

Talvez não tenha chegado ainda a hora opportuna e seja conveniente continuar a marcha ascendente da saia, até ao seu quasi total desapparecimento, para reagir com maior energia.

A' creança que brinca perto de um tanque diz-se: "Cuidado, porque vaes cahir!" — e só quando cahiu dentro é que se lhe prohibe voltar a brincar naquelle sitio. Assim acontece com o vestido curto. "Cuidado, que desobedeces a Igreja" — diz-nos a voz paternal do Papa; — cuidado, que podes cahir no tanque, do qual só conheces a transparencia crystalina da superficie; mas se dás um só passo mais, cahirás na lama que se occulta no fundo". E nós, como a creança desobediente, continuamos brincando sem ver o perigo que ameaça o mundo. Esse perigo é um mytho para quem prefere succumbir a lutar.

Deixemos que a moda avance e que os vestidos se encurtem, e vamos occupar-nos das gravatas. As gravatas, de diferentes formas e tamanhos, apresentam-se com a intenção de aprisionar, durante a primavera actual do occidente europeu e no proximo verão, todas as gargantas de mulher elegante.

O lencinho que se amarra ao pescoço e ás mãos é um detalhe que interromperá a monotona singeleza do traje matinal, imprimindo-lhe uma nota de côr em harmonia com a estação.

Tanto o de gravata como os que servem de pulseiras fazem-se de seda estampada em tons vivos ou de seda lisa com barra escura. E seja para dissimular as dimensões do decote ou talvez para accentuar a distancia que o separa do pescoço, amarra-se uma cinta com as pontas cahidas. Mais gracioso e original é o chale que cobre por completo o decote e cáe sobre o braço direito, passando sob o hombro do vestido.

Este detalhe reserva-se para os vestidinhos de verão, feitos com sedas lavaveis ou tecidos de fios, aos quaes se une perfeitamente o organdi branco, vaporoso, rigido e ao mesmo tempo transparente, orlado com um viez vermelho, verde, azul ou da côr que convier ao tom geral do vestido, sempre que haja contraste um pouco duro.

Uma das pontas é cosida ao hombro, e a outra solta, para collocar o chale como convier ou deixal-o cahir se o calor assim exigir. O lencinho não é uma novidade: é uma ressurreição do melhor gosto, que se incorporará facilmente ao traje moderno.

Faz-se de crepon de seda, com seu correspondente volante preguеado e unido ao lenço por um viéz de crepon escuro. A côr da moda, chamada "petala de rosa", é um branco rosado muito bonito, que vae bem com todas as côres.

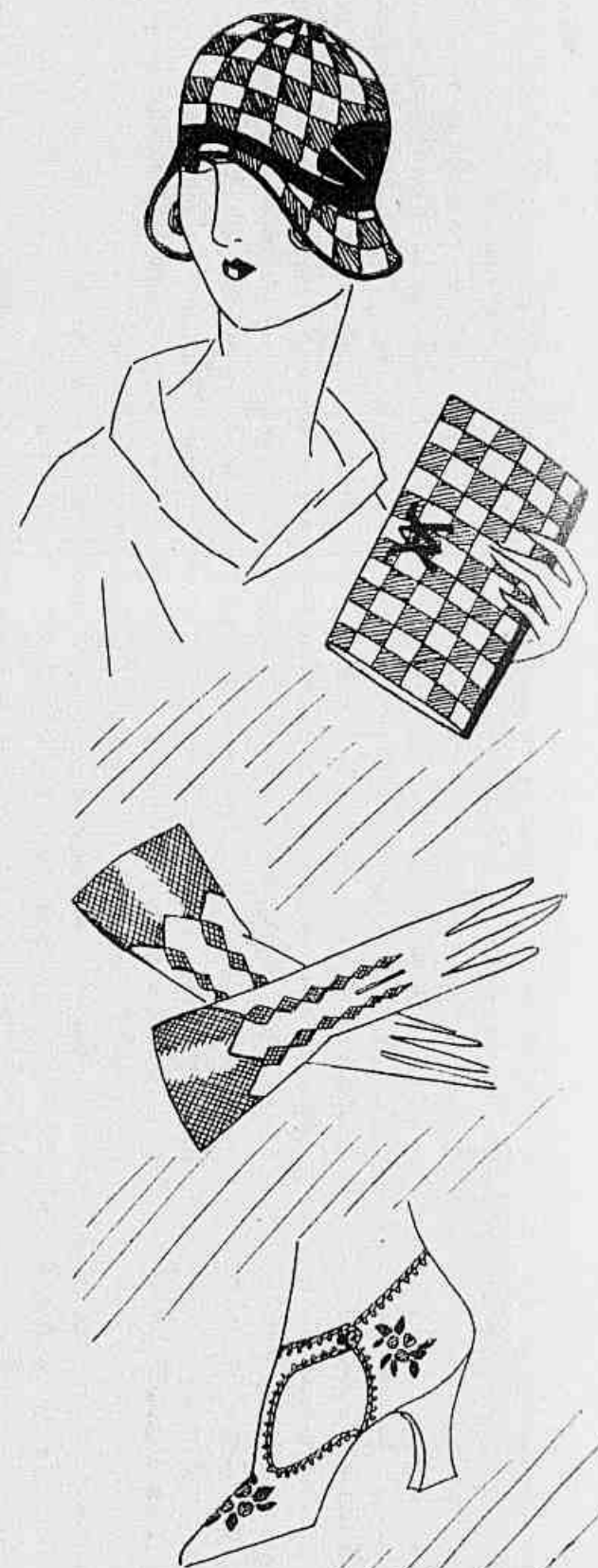
Tambem se vêem lenços de tulle e de organdi.

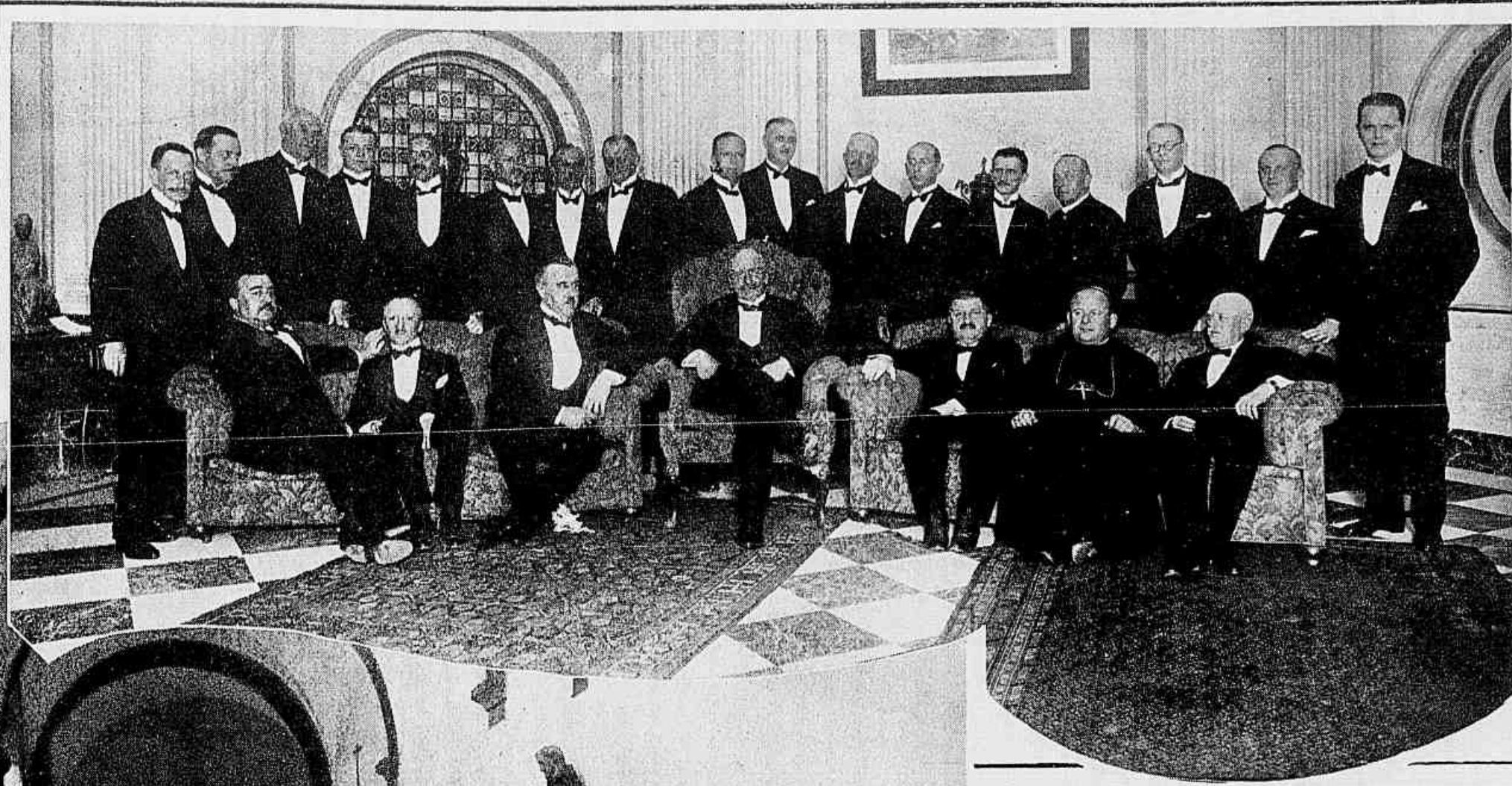
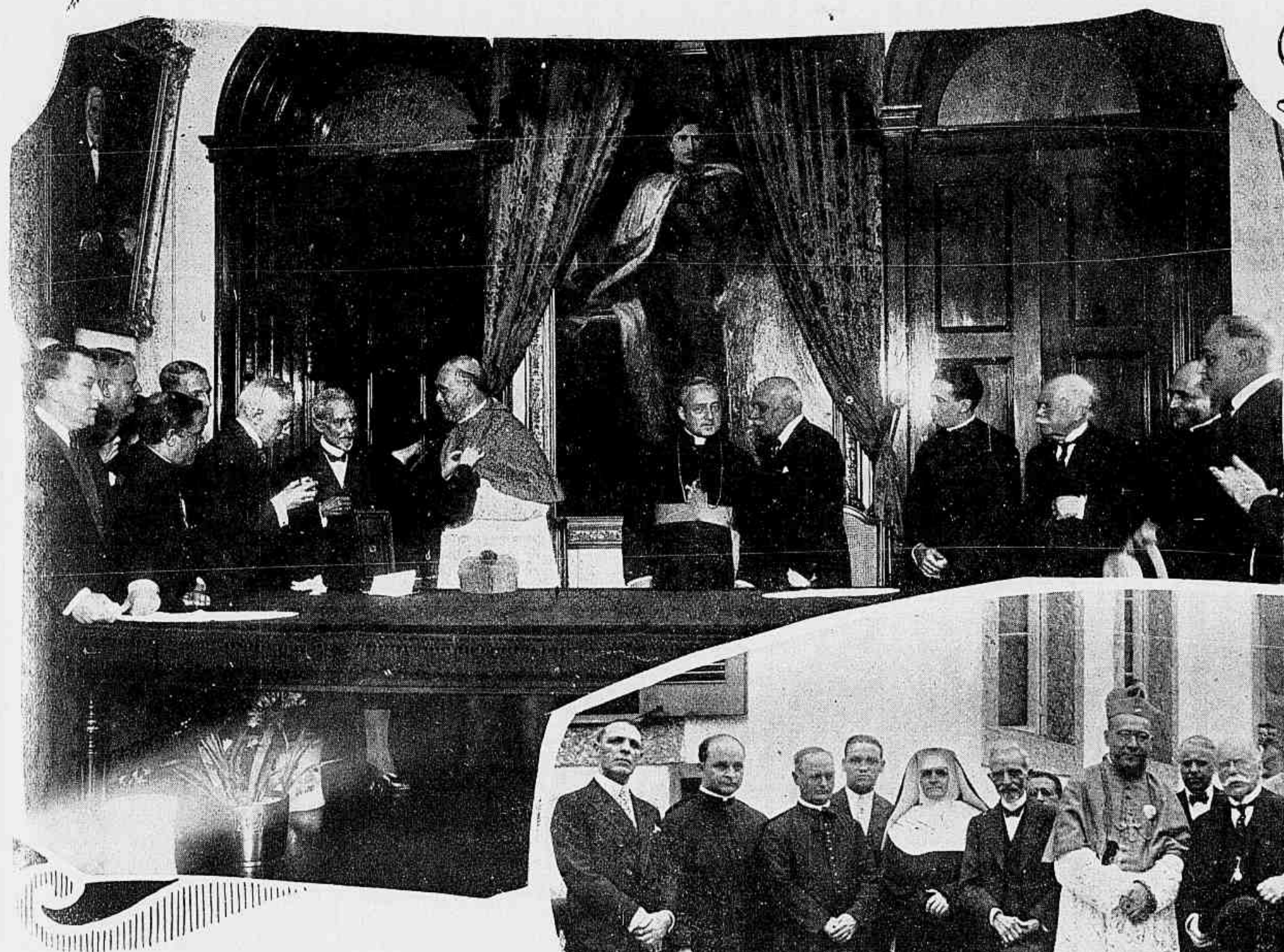
X.

Vestido de tafetá preto cuja saia se alarga por dois godets em triangulo. Punhos e gravata de tafetá estampado.

Manteau de crêpe preto, guarnecido de crêpe verde-amendoa.

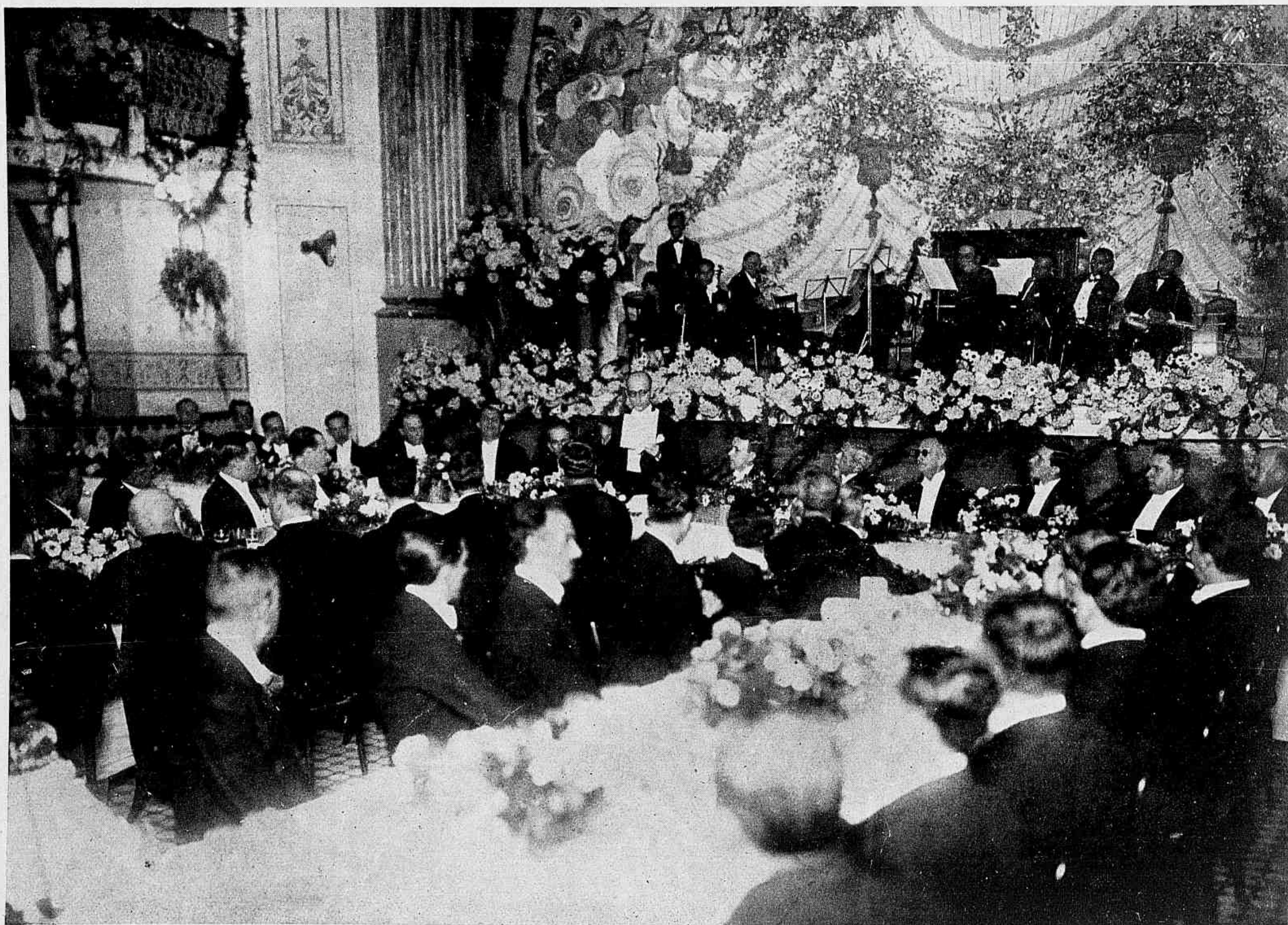
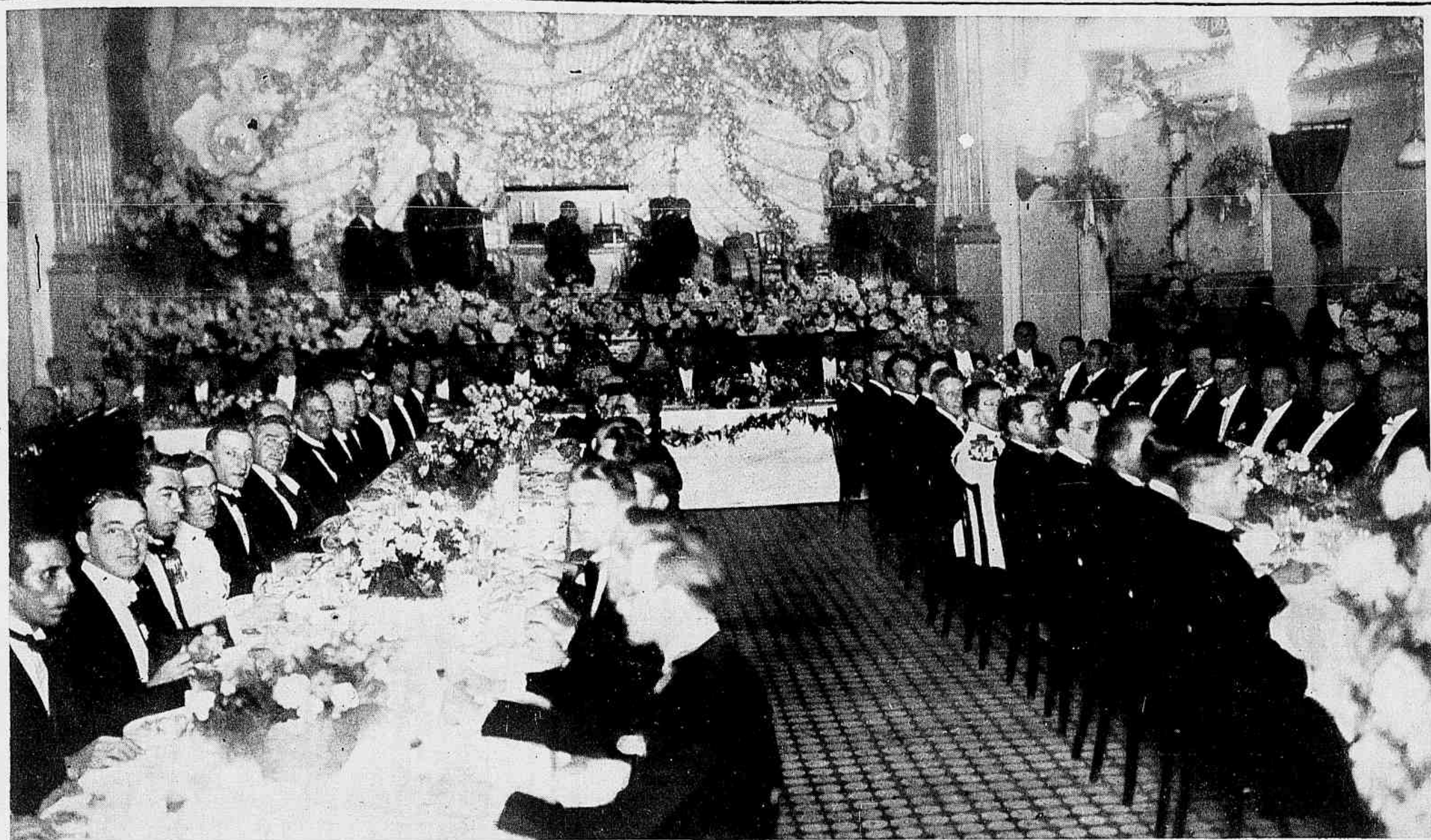
Tunica de crêpe georgette cinzento, inteiramente bordado a prata, formando na parte baixa dois godets e posto sobre um forro cinzento.

Toilette admirada no prado de Longchamp.

Chapéu e bolsa condizentes de *gros grain* de dois tons, ou beige e marron ou verde claro e verde escuro ou cinzento e branco etc. Luvas de suéde cinza guarnecidas de lagarto. Calçado ornado de flôres de todos os tons e de uma delicada bordadura condizente.

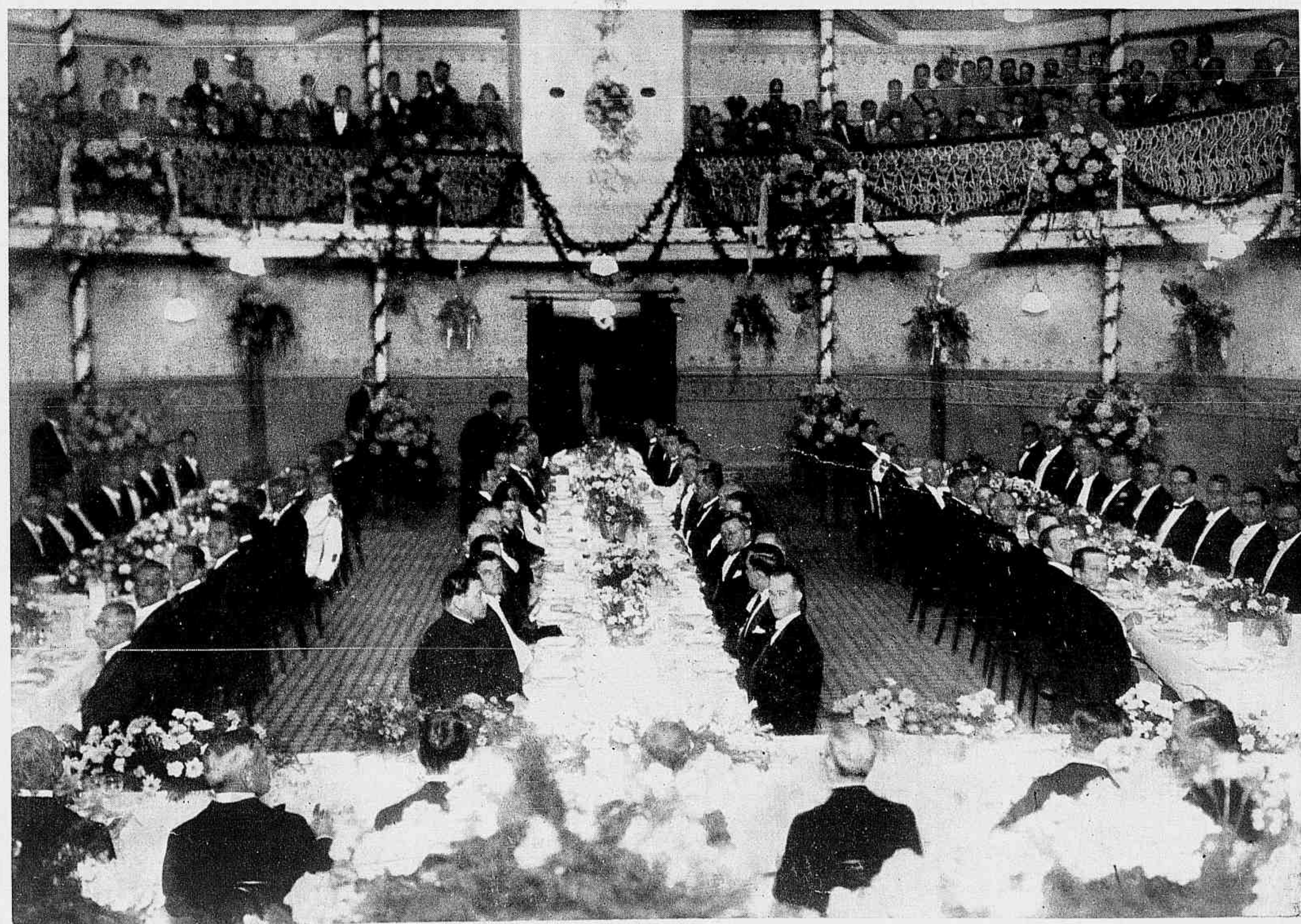
O Rei da Saxonia no Rio

Ao alto, S. M. o ex-rei Frederico Augusto III, da Saxonia, entre os vultos da colonia allemã que lhe offereceram um banquete de regosijo pela sua visita ao Rio de Janeiro. Ao lado: grupo de pessôas que tomaram parte no almoço de despedida offerecido a sua majestade no Mosteiro de S. Bento, onde o ex-rei da Saxonia esteve hospedado durante a sua permanencia no Rio. A' direita do ex-soberano Frederico Guilherme III, vêem-se monsenhor Aloisi Masella, nuncio apostolico, e Hubert Knipping, ministro da Allemanha; á esquerda de sua majestade, o sr. Edwin Morgan, embaixador dos Estados-Unidos. Sentado, no extremo direito da gravura, d. Pedro Eggerath, superior do Mosteiro.

D. Sebastião Leme, titular da Grã-Cruz de Christo

Ao alto: S. Ex. o sr. d. Sebastião Leme, arcebispo-coadjuctor, recebendo, na Beneficencia Portugueza, das mãos da senhora Embaixatriz de Portugal, as insignias da Grã-Cruz de Christo, com que foi agraciado pelo governo de Portugal, em attenção ás suas virtudes e meritos. Junto da senhora Embaixatriz, vêem-se os srs. visconde de Moraes e H. Taborda; á esquerda de d. Sebastião Leme vêem-se os srs. Nuncio Apostolico e conselheiro Camello Lampreia. Ao lado: Grupo tomado na Beneficencia Portugueza, após a solemnidade, vendo-se ao centro d. Sebastião Leme, com a Grã-Cruz de Christo, entre os srs. visconde de Moraes e prof. Bento Carqueja.

O banquete ao Presidente Eleito do Espirito-Santo

O Partido Republicano do estado do Espirito Santo homenageou condignamente os seus candidatos unanimes á presidencia e vice-presidencia do prospero e futuroso Estado, drs. Aristeu Borges de Aguiar e Joaquim Teixeira de Mesquita — hoje eleitos por eloquentissimo suffragio — offerecendo-lhes um banquete, no qual foi lida a plataforma do futuro governo. Esse notavel documento de fé republicana, divulgado pela imprensa, echoou magnificamente na consciencia do povo espiritosantense, incutindo a certeza de que o illustre moço, em tão bôa hora escolhido para a suprema magistratura do seu Estado natal, será um digno continuador do governo de operosidade e realizações do eminente presidente Florentino Avidos. A radiosa mocidade do sr. Aristeu de Aguiar, professor e jurista, é um penhor de energias, e o seu passado responde amplamente pelo esperado equilibrio dos seu actos. Ascenderá o sr. Aristeu de Aguiar á presidencia do estado do Espirito Santo sob os melhores auspicios, justamente acoroçoados pela brilhante plataforma do memoravel banquete de que damos os quatro aspectos que aqui se vêem. Na sua substanciosa plataforma — que é toda digna de ser meditada — sem palavras superfluas o sr. Aristeu de Aguiar encarou com decisão os grandes problemas do Estado, a começar pela instrucção e educação, em cujo capitulo affirmou a conveniencia de ser, ao lado do ensino primario, tão diffundido já no Estado, instituido o ensino profissional technico e agricola. De par com a instrucção, affirmou o joven estadista a relevancia da questão da hygiene,

prégando como uma cruzada systematica a propaganda, ao povo das cidades e dos campos, dos indispensaveis e salutares principios de hygiene. Em seguida, abordou o sr. Aristeu de Aguiar, na sua plataforma, o problema da ordem publica, aconselhando uma policia bem organizada e compenetrada dos seus deveres, mantida sempre na corporação uma energia inflexivel. Tratou da expansão economica, mostrando o progresso formidavel, no Estado, das lavouras do café e do cacau, e da cultura da alfafa, da vinha, do trigo, da amoreira, que tanto medram na bôa e fertil terra espiritosantense, e salientou a necessidade da immigração e a facilitação do capital, mostrando desejos de animar a vida de bancos populares, typo Luzatti, e de caixas ruraes, systema Raiffeisen. Falou dos transportes, affirmou proseguir as grandes obras do governo Avidos; abordou a industria pastoril; encarou o problema da assistencia social — infancia desvalida, invalidos, mendicancia — e rematou assegurando, como é justo que se espere, um governo de trabalho e honestidade. As gravuras que aqui se vêem mostram um grupo parcial dos que tomaram parte no banquete politico — assignalado o illustre futuro presidente; — um instantaneo tirado no momento em que o sr. Aristeu de Aguiar lia a sua plataforma, e dois aspectos da mesa do banquete.

A MORENINHA

por ESCRAGNOLLE DORIA

Louras e morenas não se pódem fazer amizades. Representam typos de belleza oppostos e genios insociaveis. Umas e outras, na sua especie de formosura, no seu genero de perdição, se julgam supranumeradas no amor.

Louras e morenas são de 'ouvaminhas e, para attendel-as no mistér, não faltam homens, e ainda menos poetas.

Por elles teem sido louras e morenas decantadas, a par da lua, nem loura nem morena, sempre branca nas diversas e sempiternas phases, revezada em crescente, em redondeza, em fio, em nova.

Não figuram sómente poetas nos partidos que tornam altos os meritos de louras e morenas. N'elles tambem se alistam os romancistas quando dão typos a heroinas.

O typo moreno é o mais frequente na mulher brasileira, que o torna, não raro, admiravel e abismal.

A morena encontrou um romancista que não se contentou em descrevel-a, deu-lhe ao nome as honras de titulo de romance.

Tal romancista foi Joaquim Manoel de Macedo. Adornou o romance de estréa com o titulo de "A Moreninha", diminuitivo faceiro e caricioso nosso, quasi dengue, em louvor da morena, pondo-a entre risos de criança e lagrimas de mulher. Quanto diz esta simples palavra brasileira: a moreninha! quanto...

Macedo escreveu muito, foi um infatigavel, guiando talento por diversas sendas de trabalho. Mas a cabo de vida longa, de afanar, era para os da sua geração o Macedinho de "A Moreninha".

Gravou nome na litteratura e no theatro e na pedagogia nacional, leu no Collegio de Pedro II, orou na Camara dos Deputados, não quiz ser ministro, quasi foi senador do Imperio pela provincia natal. Tudo isso não o impedia de ser para muitos, sempre, o Macedinho de "A Moreninha".

Natural de Itaborahy, reclamando-se do berço, até na face dos livros, Macedo veiu estudar medicina no Rio de Janeiro, de Faculdade medica então no antigo Collegio dos Jesuitas no Castello.

Seguiu curso de estudos com devida regularidade, doutorando em 1844, ás voltas com materias do sexto anno e a elaboração de these inaugural.

Sustentou-a a 11 de Dezembro de 1844, defendendo curiosa dissertação: "Considerações sobre a nostalgia".

No trabalho do academico já apontava o litterato, de affirmação no mesmo anno de 1844, vigesimo segundo da Independencia e do Imperio, consoante a formula official dos decretos da época.

A despedir-se da Faculdade de Medicina, posta no sitio onde os jesuitas tinham doutrinado, insignes sabedores de sempre, Macedo ainda estudante mandou sahir de prélos primeiro romance, para muitos pedra angular do romance patrio.

De typographia carioca, com mais de duzentas paginas, estampas e a musica de uma ballada cantada pela heroina do romance, veiu a publico "A Moreninha" annunciando o escriptor estreante que uma corporação docente ia em breve sagrar doutor.

O exito do livro foi grande no Rio de Janeiro. Lia-o em breve e ainda não deixou de lêl-o o Brasil, apezar da renovação de escolas litterarias, algumas das quaes presto apparecem e desapparecem. Como os homens, as obras resistentes ao tempo são victrices. *Chi dura vince* — adverte proverbio italiano.

De segunda edição em 1845, de terceira em 1849, de quarta em 1860, de quinta, em Pariz, em 1872, além de editado no Porto em 1854, "A Moreninha" continúa a ser editada, propagando até hoje o que alguem chamou "a infantil e virginal feição do nosso romance".

Sobre elle, na "Minerva Braziliense", pronunciou-se Dutra e Mello, em longa analyse. Adiantou no correr d'ella que na época o romance nacional começava a despontar sem haver ainda sido manejado por ninguem, que o soubesse o critico, o romance historico ou philosophico.

Reconheceu Dutra e Mello, no autor de "A Moreninha", estylo fino, ironico e singelo, com ordem, luz, graça e ligação, além de outros predicados do escriptor novel.

A analyse de Dutra e Mello figura em edições de "A Moreninha", mostrando o apreço do autor pelo critico. Sabia este reparar sem insultar, exprimir sem deprimir. A critica é genero litterario que requer apurada educação. Um critico desprimoroso é labrego esgueirado na sociedade, cujas origens é ás vezes prudente não perscrutar.

Macedo auto-prefaciou "A Moreninha". Antepoz ao romance "Duas Palavras" explicando quanto o livro devia existencia a dias de desenfado e folga no patrio Itaborahy, em férias de quintannista.

Longe do bulicio do Rio de Janeiro, já de bulicio, afastado da então Côrte, quasi em ocio, assentou o estudante architectar um romance.

Escreveu-o, publicou-o, annunciando que conforme o acolhimento da critica iria criando e educando melhor "os irmãozinhos da Moreninha", mais tarde com effeito apresentados a patricios sob a forma de livros.

"Recebe filha com gratidão — aconselhava o autor á heroina — a critica do homem instruido; não chores se com a unha marcarem o logar em que tiveres mais notavel".

Escrevendo "A Moreninha" esquecia o doutorando Macedo os livros de medicina, entre elles os de Velpeau, que "só elle faz por sua conta e risco mais citações em cada pagina do que todos os meirinhos juntos fizerão, fazem e hão de fazer pelo mundo."

Macedo ideou "A Moreninha" em Itaborahy. Ahi nascera no dia de S. João, em casa de uma rua do nome do santo. Filho de pharmaceutico, boticario dizia-se então, o futuro medico estudára primeiras lettras e depois latim, o latim tão assimilavel mas tão indigesto para os estudantes de hoje, na villa natal.

Ao que parece, "A Moreninha" brotou de duas fontes eternas: a mocidade e o amor.

Tinha Macedo vinte annos quando compoz o romance. Vinte annos! idade em que o amor é caminho antes atinado que sabido!

Amava, segundo informam, não sem lagrimas, e o chorar é consequencia do amar. Desejava casar-se com a amada, mas só realizou o intento annos depois, por opposições e contratempos.

O consorcio foi auspicioso, pois até á morte, não ha muito, em Nitheroy, a esposa de Macedo affirmava a Ernesto Senna, denunciando orgulho por ter sido a inspiradora de "A Moreninha": "Oh! elle me queria muito, sinceramente. Raras vezes sahia á rua sem ser em minha companhia. Fui feliz, muito feliz". E algumas lagrimas lentas sagraram a saudade longa.

A conjuge de Macedo tinha razão de choral-o. Fôra-lhe constante e desinteressado. Com effeito, em 1844, o surprehendera em Itaborahy um convite para ministro de Estrangeiros do gabinete Furtado.

Declinou da honra e deu razão da recusa. Era pobre, não podia portanto sustentar a posição... Não comparemos, as reticencias já compararam.

A acção de "A Moreninha" passa-se na ilha de Paquetá, onde em 1844 se ia de batelão. Grande parte do romance vive n'uma casa paquetaense, no centro da ilha, onde a par dos coqueiros se avistavam bellos arvoredos vergando de frutas ou em flôres promissoras d'elles.

N'aquella casa, real ou imaginaria, porque os episodios mais celebres dos romances são não raro juxtaposições de saudades, assignalou o autor uma gruta. Era cavada na base de rochedo sobranceiro ao mar, dava-lhe acesso abertura alta e longa. No fundo, n'uma baciazita de pedra, gotta a gotta, de crystal e frescura, cahia agua distillada do alto do rochedo.

Fôra elle traspassado pelas lagrimas de uma india, Ahy, ao amar sem correspondencia. Aquelle que a desprezava, o indio Avitin, vinha descansar na gruta. Adormecia, de volta da caça, e as lagrimas de Ahy, do cimo do rochedo, o banhavam. Cahiu-lhe uma d'ellas no coração, abrazando-o de amor partilhado.

Qual Ahy, no romance, a Moreninha de Macedo vinha cantar uma ballada:

> "Eu tenho quinze annos
> E sou morena e linda;
> Mas amo, e não me amão
> E tenho amor ainda".

Carolina tem o mesmo fado de Ahy. Desposa-a por fim Augusto, o herói do romance, que apostára escrevel-o se durante uma quinzena ou mais houvesse amado uma só mulher.

A memoria de Macedo ficou em Paquetá, onde o nome da sua Moreninha ainda tem renovado echo. Bem conhecido é dos moradores e dos visitantes da ilha um rochedo ahi tratado por pedra e casa da Moreninha, em lembrança do livro celebre na sua época e do autor celebre depois d'ella.

Ambos representam um tempo em que a leitura amena, e não raro em voz alta e em commum, deliciava a familia.

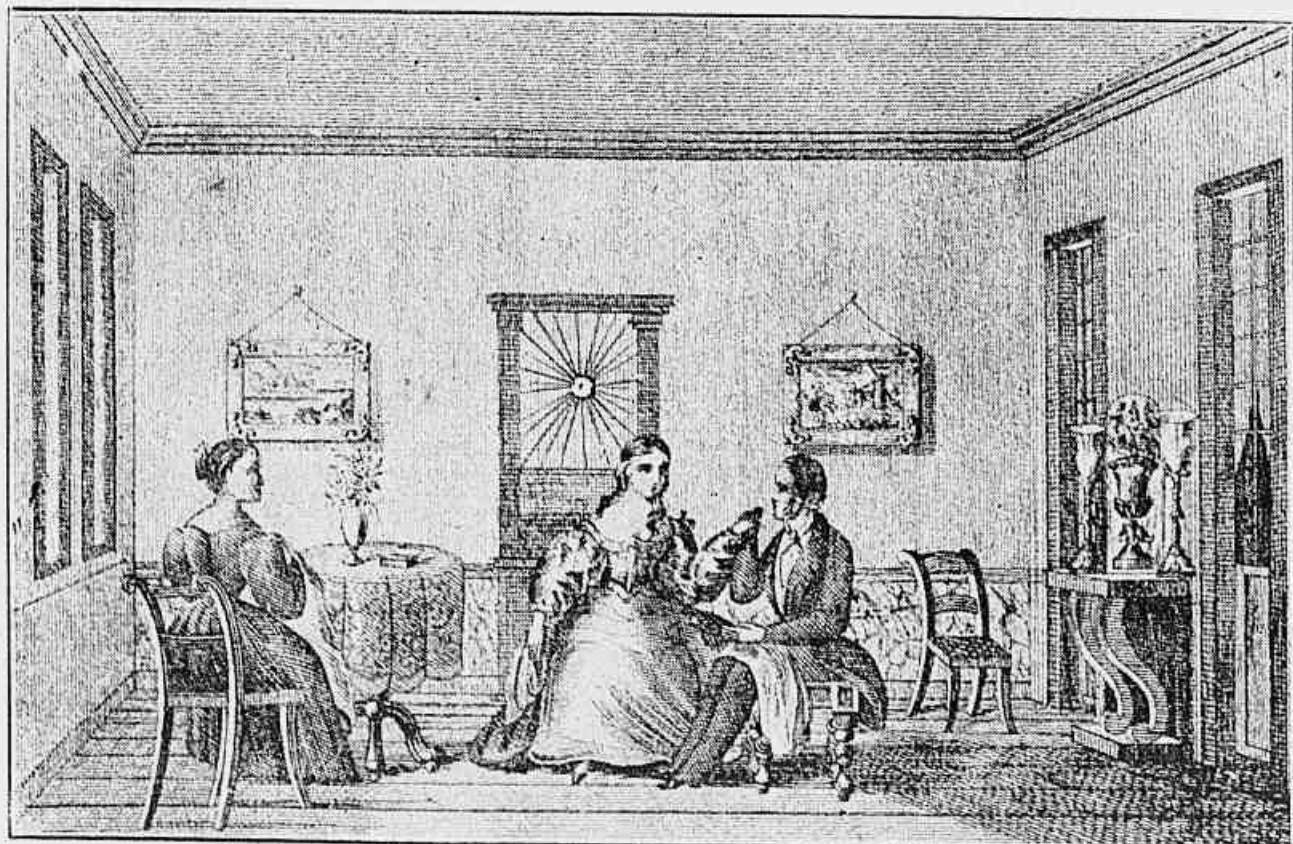
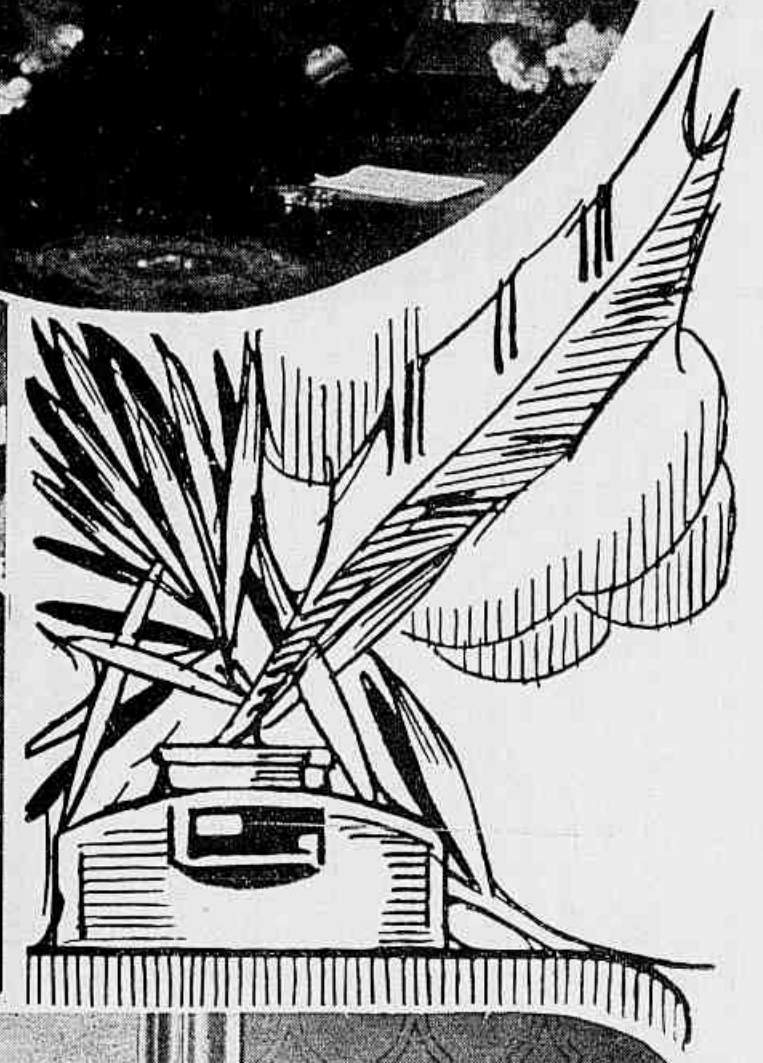
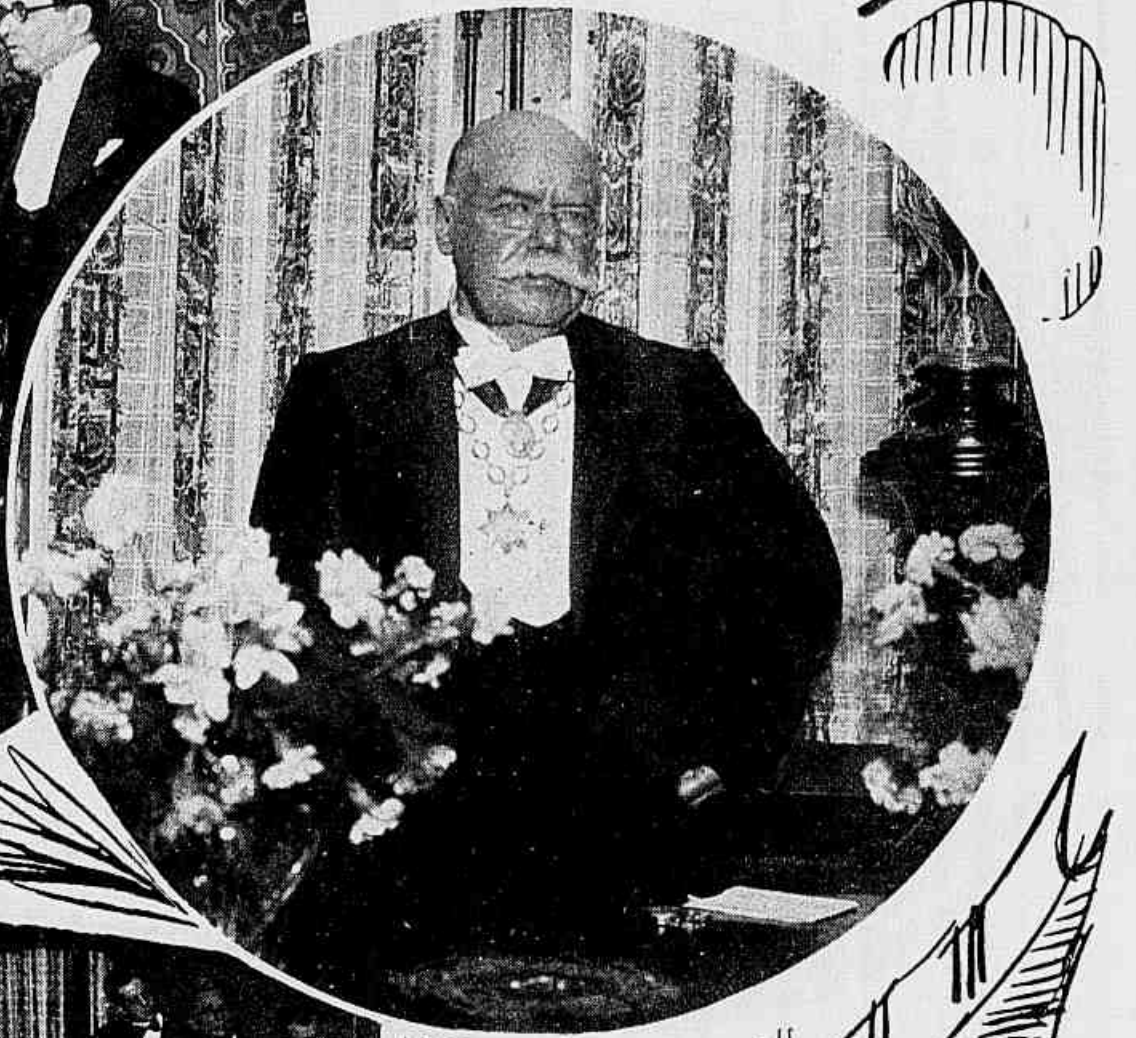
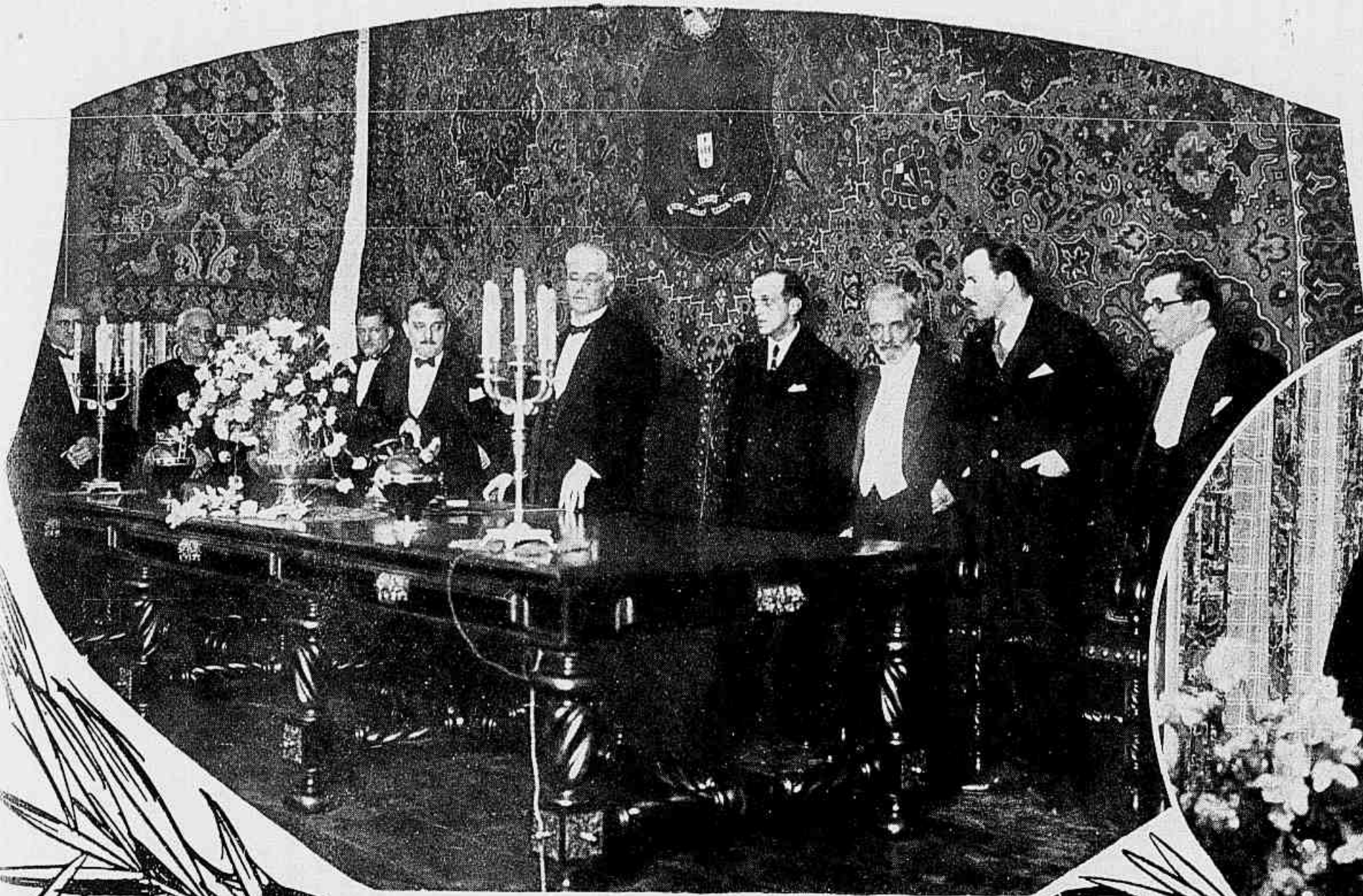
No conceito de Franklin Tavora, escriptor brasileiro e trabalhador injustamente esquecido, "em A Moreninha o estudante, a donzella, a matrona viam sua imagem reproduzida no puro vidro desse espelho onde ha luz sem scintillações estrangeiras".

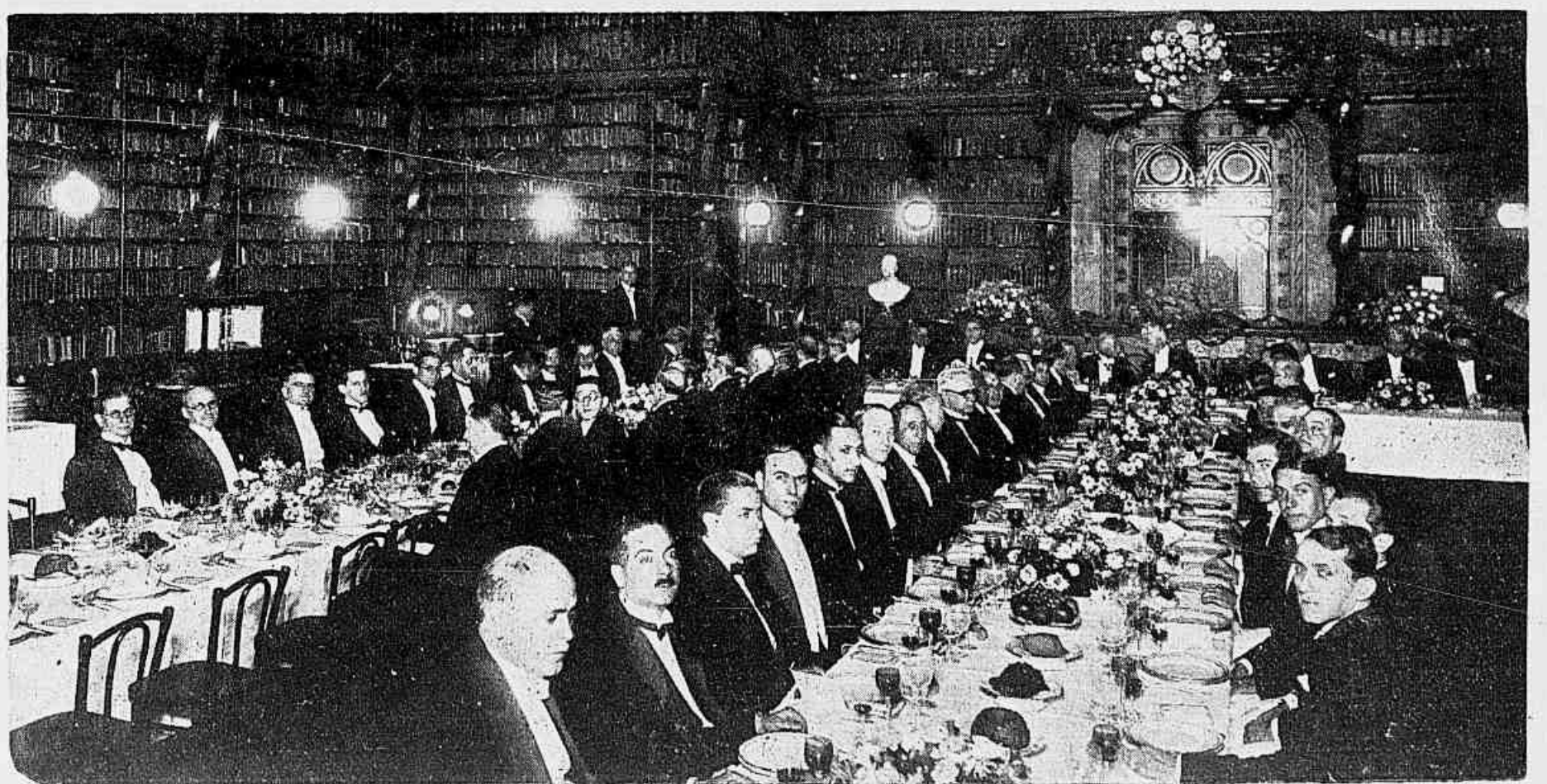
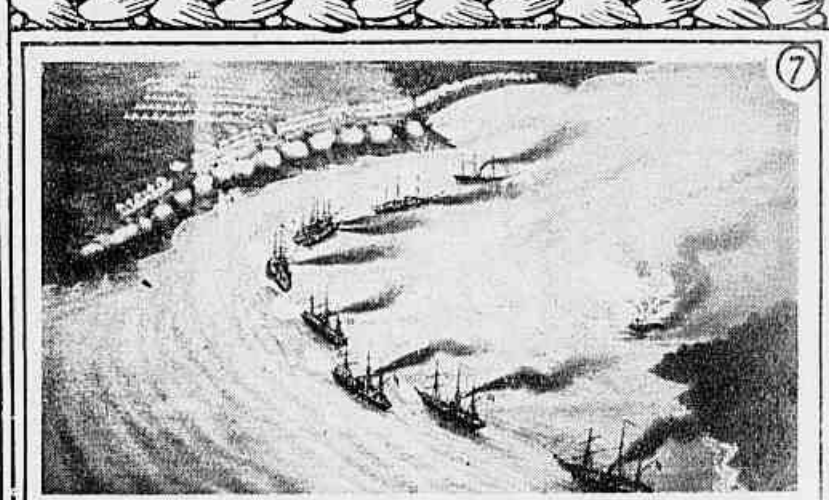
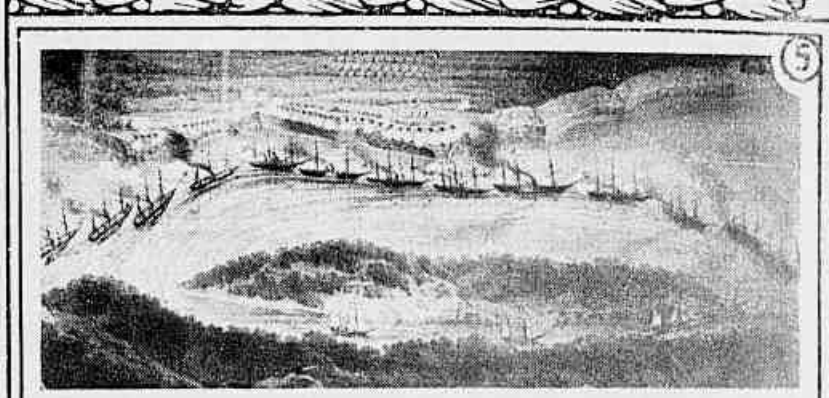
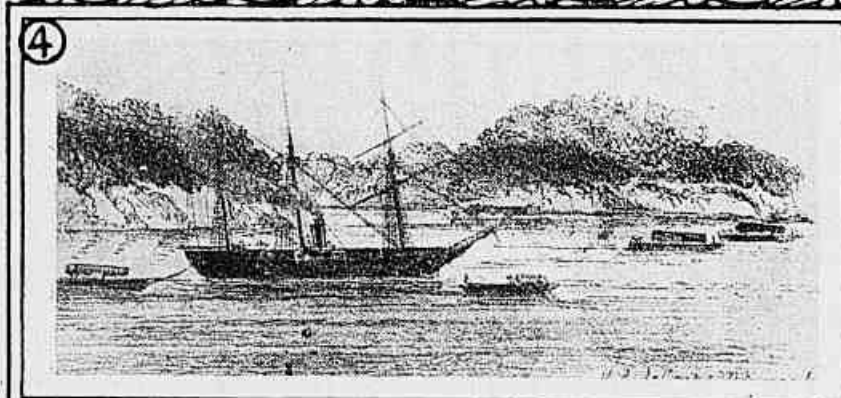
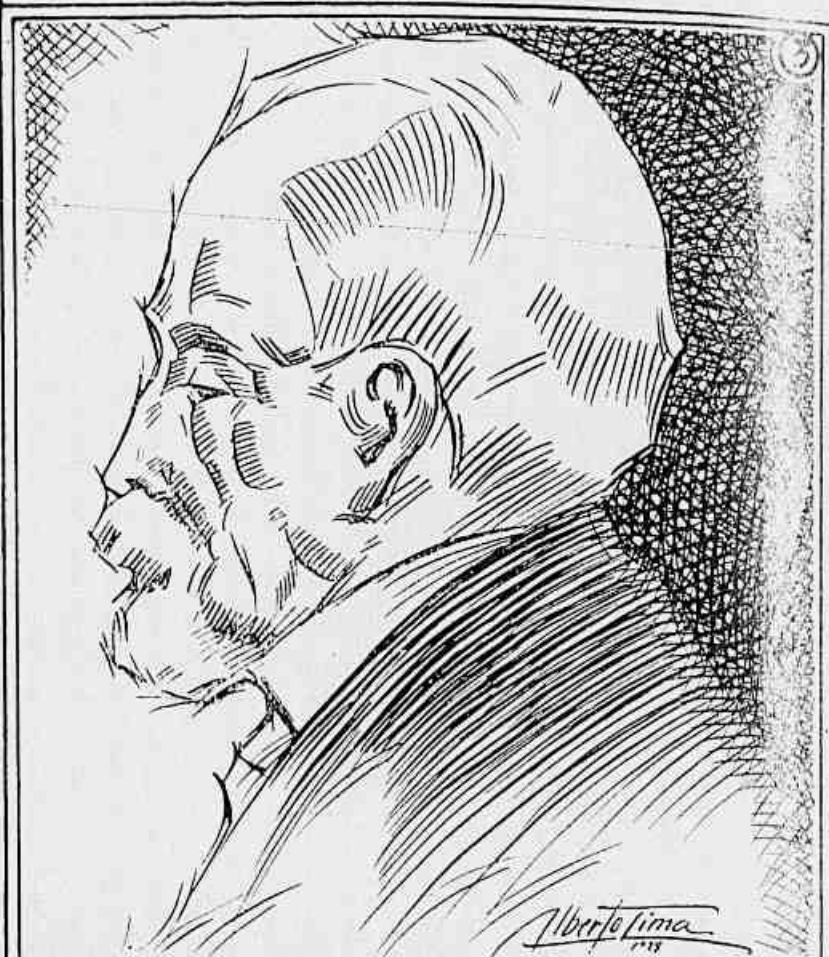
Por isso teve a obra de 1844 acceitação unanime. "O Brasil inteiro leu o livro e teve para elle a consagração que merecia tão espontanea revelação do genio nacional" assignalou Tavora.

A' Moreninha disputou popularidade "O Moço Louro", da mesma penna de Macedo. Triumphou a primeira; e o segundo, como era homem, sorriu á victoria.

Escragnolle Doria

CASA DA MORENINHA — RIO DE JANEIRO

A casa chamada da Moreninha na ilha de Paquetá (Rio de Janeiro).

Uma scena de *A Moreninha*, estampa da 4a. edição do romance de Macedo.

Bento Carqueja

1 — O sr. embaixador de Portugal, dr. Duarte Leite, presidindo a meza na Camara Portugueza de Commercio, onde o eminente professor e jornalista dr. Bento Carqueja realizou mais uma das suas notaveis conferencias. 2 — O dr. Bento Carqueja ao iniciar a sua conferencia. 3 — Aspecto da assistencia na Camara Portugueza de Commercio. 4 — Grupo parcial de pessôas que tomaram parte no banquete offerecido pela colonia portugueza ao eminente professor. Ao centro, sentado, o sr. embaixador de Portugal, que tem á direita o dr. Bento Carqueja e o sr. Sampayo Garrido, consul de Portugal, e o dr. Augusto de Lima, presidente da Academia Brasileira, e á esquerda os srs. general Adriano e Sá e dr. Pedroso Rodrigues, secretario da Embaixada de Portugal. 5 — Aspecto da meza do banquete no Gabinete Portuguez de Leitura.

TEFFÉ — heróe vivo de Riachuelo

1 — O almirante Barão de Teffé, segundo «portrait-charge» de sua illustre filha, a senhora Nair de Teffé Hermes da Fonseca. 2 — O venerando almirante com a sua farda constellada de condecorações. 3 — O barão de Teffé em desenho do natural feito pelo nosso companheiro Alberto Lima, emquanto a «Revista da Semana» entrevistava o heróe de Riachuelo. 4 — A canhoneira «Araguary» — do commando de Hoonholtz, depois Barão de Teffé — na noite de 11 de Junho de 1865, regressando da caça aos fugitivos, aprisionando as ultimas quatro baterias fluctuantes armadas com canhões de grosso calibre. 5 — Passagem de Cuevas, ás 2 horas da tarde de 12 de Junho de 1865. Em quarto logar, a «Araguary», do commando de Teffé, traz uma chata paraguaya, nessa jornada em que a nossa esquadra forçou as barrancas onde 3.000 paraguayos com mais de 30 peças se haviam fortificado. (Desenho do natural por Antonio Luiz von Hoonholtz, depois Barão de Teffé). 6 — Phase critica de Riachuelo, ás 2 horas da tarde. A esquadra paraguaya — que esteve sempre abrigada sob a bateria de 30 canhões do general Robles, secundada por 2 mil fusis e foguetes *á congrève* do coronel Bruguez — é impetuosamente atacada pela esquadra brasileira, que se arroja com indescriptivel enthusiasmo sobre o poderoso inimigo. 7 — Passagem das Mercês (Desenho do natural de Hoonholtz.) A sexta canhoneira é a «Araguary». 8 — A canhoneira «Araguary» ás 5 horas de 11 de Junho de 1865, dando caça aos quatro vapores de guerra paraguayos que fugiam rio acima e perseguindo-os até ao escurecer. O fogo vivo e certeiro do rodizio de prôa fazia-lhes um estrago horrivel, chegando a quebrar a roda de estibordo da capitanea inimiga, que se viu obrigada a seguir a reboque do «Igurey». Da esquerda para a direita vêem-se as canhoneiras «Araguary», «Tacuary», «Yporá», «Igurey» e «Piraberé». 9 — E'cos de Riachuelo (14 de Junho). A «Araguary» incendiando o vapor inimigo «Paraguary» debaixo do fogo das baterias paraguayas do Riachuelo. O fundo do quadro é a bateria de Riachuelo fazendo fogo contra os brasileiros.

NAS vesperas da commemoração da grande batalha naval de Riachuelo, quiz a REVISTA DA SEMANA visitar o mais graduado dos seus sobreviventes, o sr. almirante barão de Teffé, que aos vinte e oito annos de edade commandara, com heroismo indizivel, a canhoneira *Araguary* na memoravel pagina épica da nossa Historia.

O bravo almirante recebeu a REVISTA DA SEMANA com uma sorridente censura : era demais, forçar-se um velho de 91 annos a tirar retrato! E s. ex., desde esse momento em que dava, com honra immensa para nós, um cunho de intimidade á visita, ostentou a sua requintada fidalguia e maravilhou-nos com a sua prodigiosa memoria — que um rapaz invejaria — falando de episodios, citando datas, bordando commentarios.

O velho marinheiro, reliquia da Patria, que vinte e duas vezes commandou em fogo, tem ainda nitidamente gravados na lucidissima memoria os transes pavorosos da pugna de 11 de Junho. Não os revive, porque as paginas da Historia estão impregnadas de heroicas descripções, em meio das quaes fulge o nome de Antonio Luiz von Hoonholtz, depois barão de Teffé; grande do Imperio; almirante; official das Ordens do Cruzeiro e da Rosa; condecorado com as medalhas de Riachuelo e da Campanha Geral do Paraguay e com a que a Argentina conferiu aos vencedores de Corrientes; membro da Academia de Sciencias de Paris, onde um unico brasileiro tinha assento, o senhor D. Pedro II, imperador do Brasil; membro do Instituto Historico sob a presidencia de S. M. o Imperador; vice-presidente do Instituto Polytechnico sob a presidencia de S. A. R. o sr. Conde d'Eu; ministro plenipotenciario de 1.a classe em Bruxellas, Vienna e Roma, já no regimen republicano, em cuja vigencia recebeu a grã-cruz de S. Bento de Aviz e foi eleito senador federal.

10 — O venerando almirante Barão de Teffé no seu gabinete de trabalho lendo o livro «López do Paraguay», sobre a guerra. Na mesa á esquerda, os volumes dactylographados das suas «Memorias». 11 — A REVISTA DA SEMANA entrevistando o almirante Barão de Teffé no «Villino Nair», sua residencia em Petropolis. Ao centro o venerando marinheiro, tendo á direita a senhora Baroneza de Teffé e o dr. Octavio Tavares, secretario da «Revista», e á esquerda sua illustre filha, senhora Nair de Teffé Hermes da Fonseca, e o nosso director sr. Aureliano Machado. 12 — Caricatura do bravo marinheiro von Hoonholtz pelo sr. H. Fleiuss; o commandante da «Araguary», passando em revista as baterias de Cuevas, desenha-as calmamente. 13 — S. ex. o sr. almirante Barão de Teffé ao portão da sua encantadora vivenda em Petropolis. 14 — Um aspecto do jardim de inverno do «Villino Nair».

O venerando almirante recorda um episodio do seu encontro em 1868 com Deodoro, então general. Hoonholtz era capitão de mar e guerra e regressando ao theatro da guerra, após haver contrahido matrimonio com a Exma. Sra. d. Maria Luiza Dodsworth, hoje baroneza de Teffé, commandava o couraçado *Bahia*. Pouco acima de Humaythá ficava o acampamento de Tagy, onde Deodoro o recebeu com alegria.

O heroe de Riachuelo ia "guardar-lhe as costas" pelo lado do Rio, poupando-lhe as surprezas... Deodoro, entretanto, alegrava-se por outro motivo: porque se tornaria, como se tornou, hospede do *Bahia*, a cujo bordo fazia as refeições, numa satisfação indizivel, porque já estava farto de comer moscas, tamanhas eram, na região paraguaya, as nuvens do impertinente insecto que assaltavam os pratos de comida.

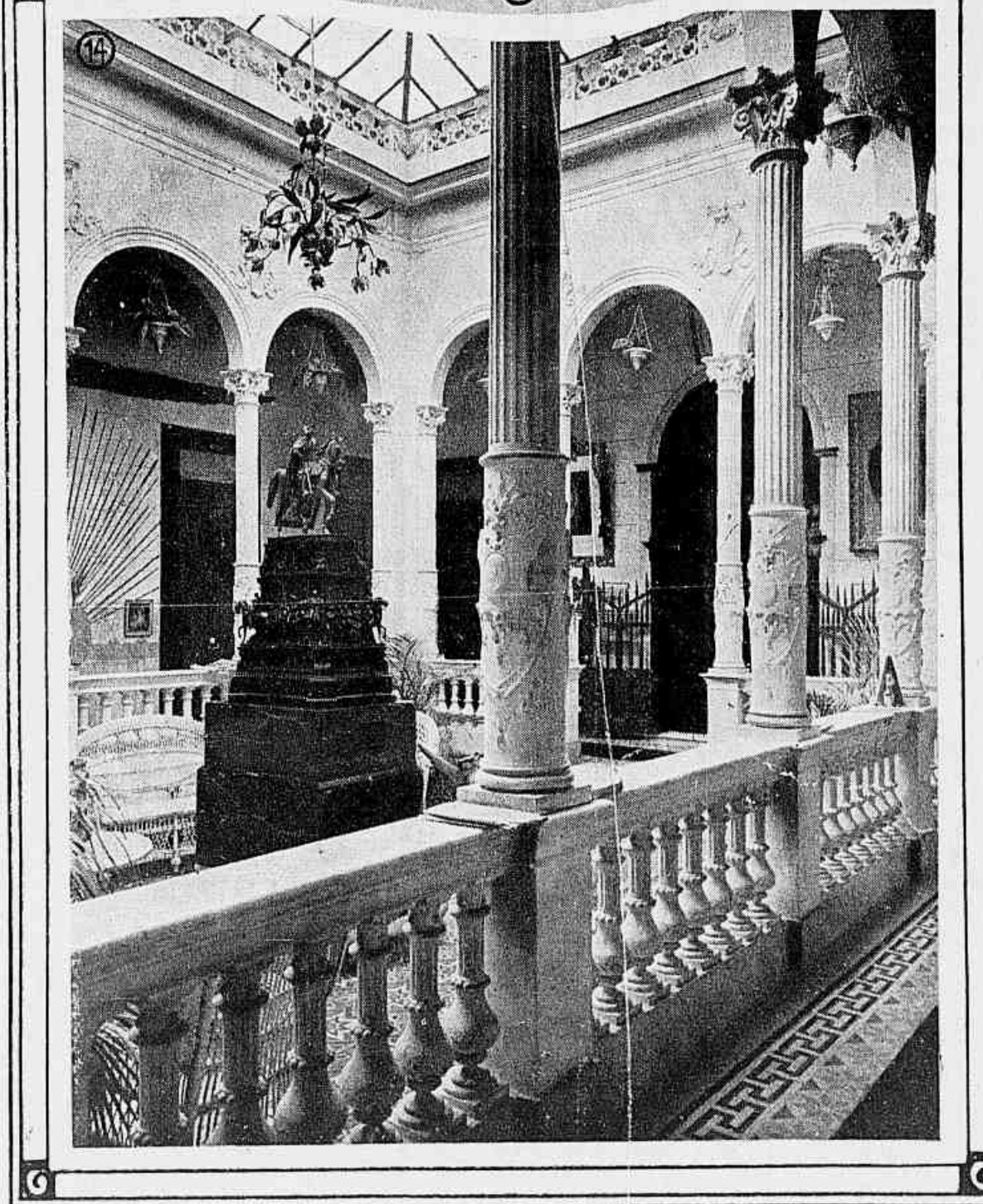
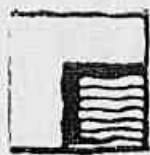
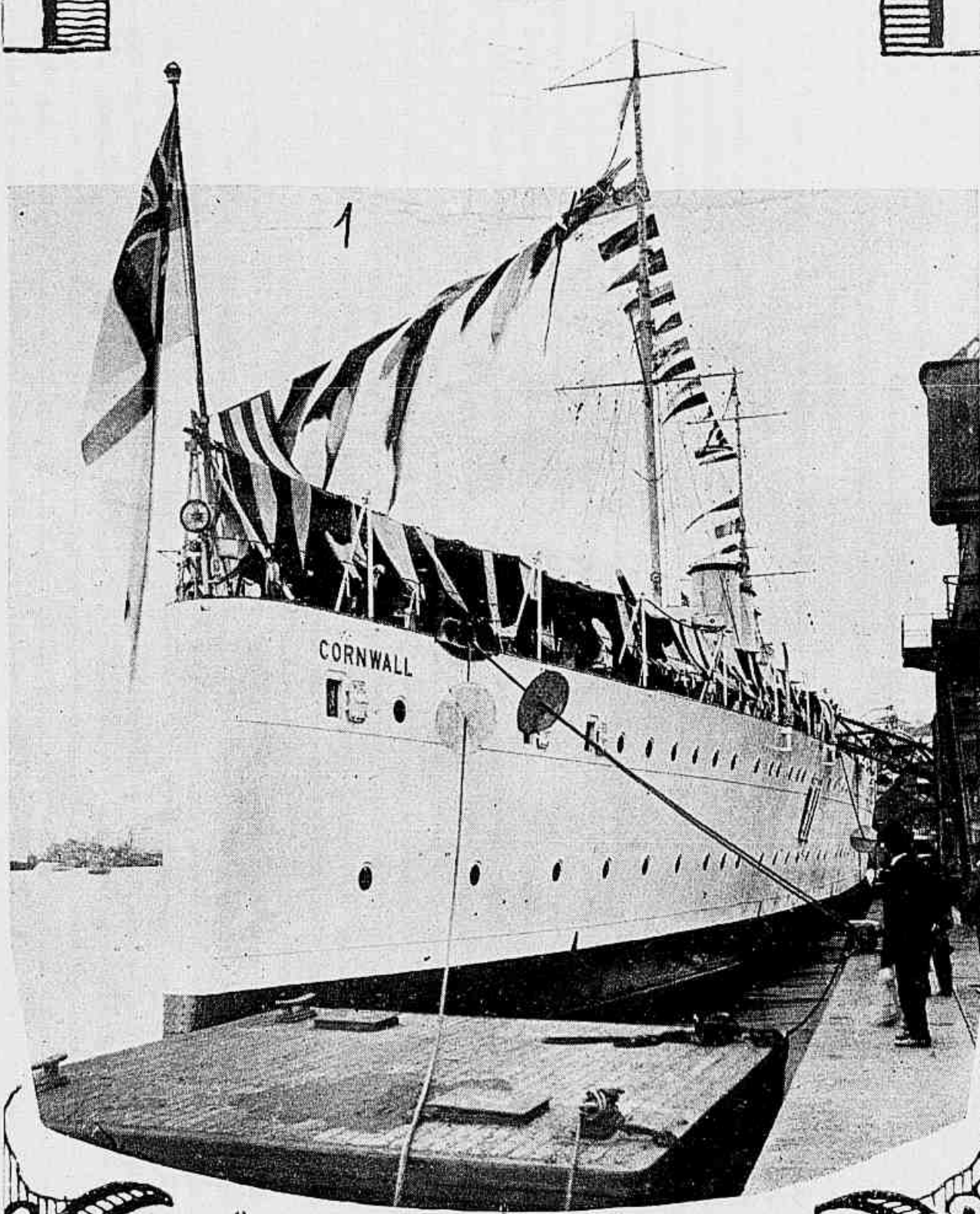
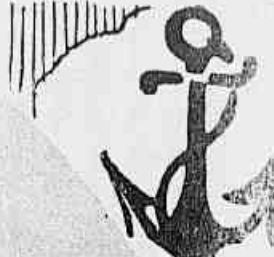
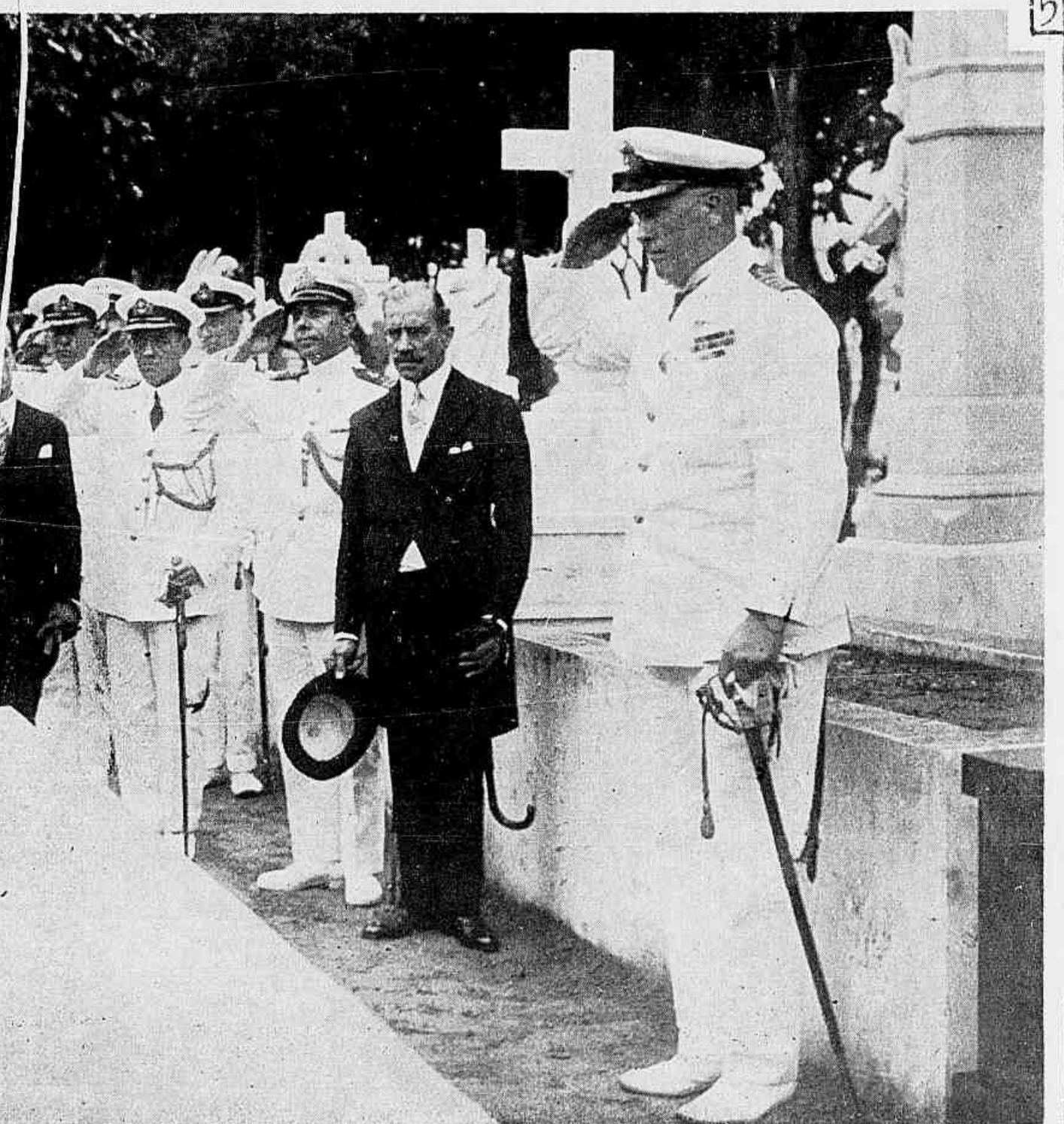
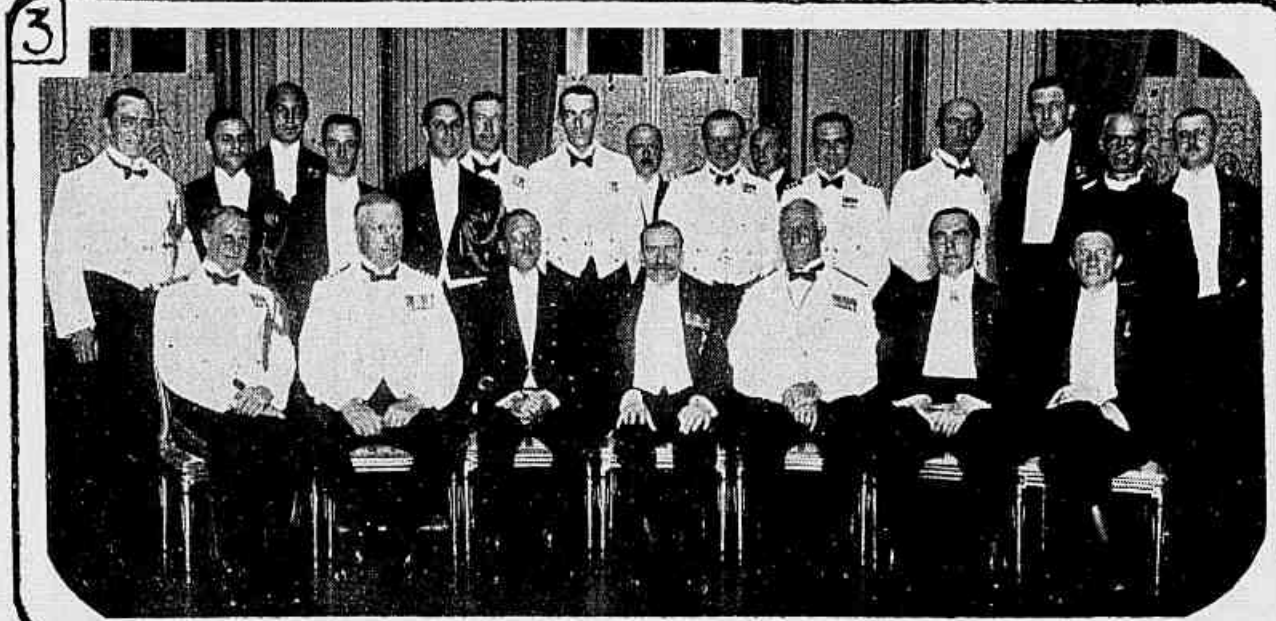
Os episodios, narra-os o velho almirante com espirito e com ironia. Condemna as entrevistas sem proposito, que visam a procura de dados biographicos, porque o jornalista tem, então, o aspecto de alguem que vae em busca de subsidios para necrologio...

Um dia — o glorioso brasileiro é fluminense, nascido em Itaguahy — foram convidal-o para uma ceremonia na capital do seu Estado. Nictheroy assistiria á inauguração de uma escola. O barão accedeu. Pediam-lhe, porém, que fosse fardado... S. ex. comprehendeu — e havia uma alta razão no pedido — que era precio mostrar ás creanças fluminenses um conterraneo que era o que qualquer dellas poderia, algum dia, vir a ser.

Na vida de s. ex. havia um aspecto que não comprehendiamos: por que era o heroico patricio barão de Teffé e não de Araguary ou de Riachuelo?

Desde a mocidade s. ex. celebrizara-se nos estudos, havendo — seja dito de passagem — escripto o primeiro livro em portuguez sobre Hydrographia, quando 2.° tenente, o que lhe valeu ser encarregado da creação da Repartição de Hydrographia. A 8 de Dezembro de 1870 — o sr. barão de Teffé tinha bem precisa a data — o marquez de S. Vicente chamava-o, tirando-o da intimidade do lar no dia de N. S. da Conceição, para dizer-lhe que S. M. o Imperador o mandava seguir para o Amazonas, chefiando a commissão de limites com o Perú. Não lhe valeram solicitações, nem haver intervindo junto da Imperatriz. Em Julho de 1871, seguiu. E havia apenas erguido o primeiro marco no Japurá, que desemboca junto de Teffé, quando Paz Soldan, illustre astronomo que chefiava a commissão peruana, falleceu ás suas vistas, após dias de padecimentos, e recebeu do nosso eminente patricio as mais assignaladas honras funebres que poderiam ser tributadas no local ermo em que se achavam. Hoonholtz allegou, então, o tempo que perdera no Amazonas; a morte do chefe peruano; a difficuldade de vir novo delegado do Perú; e pediu-lhe concedessem permissão de regressar á capital do paiz. O marquez de S. Vicente, porém, objectou-lhe que deveria ficar... porque S. M. o Imperador o agraciara com o titulo de barão de Teffé.

O venerando almirante exigiu, em meio das indefiniveis gentilezas de que foi prodigo, almoçassemos no Villino Nair, na poetica Cidade das Hortensias. Era ainda o velho commandante, que tinha de ser obedecido, e tanto mais quanto nos concedia a honra do convivio á mesa com a sua eminente personalidade e as das suas dignissimas esposa e filha, senhoras baroneza de Teffé e Nair de Teffé Hermes da Fonseca.

S. ex., então, na intimidade do lar, no conforto do verdadeiro museu que é o Villino Nair, já se não recordava mais de Riachuelo, nem os tiros de magnesio do nosso photographo evocavam os canhoneios do Paraguay. O velho almirante era todo do lar, vivendo com alegria e espirito para a esposa amantissima e para a filha illustre, mostrando as curiosidades do seu retiro de Petropolis, justamente orgulhoso do dedo de artista da sra. Nair de Teffé. E o mesmo sorriso que nos acolheu acompanhou-nos até perdermos de vista esse lar sagrado onde Petropolis contempla, reverente, a figura gloriosa de um grande marinheiro, heróe vivo de Riachuelo.

O "CORNWALL" NA GUANABARA

1 — O «Cornwal», da Marinha de Guerra ingleza, atracado ao cáes do porto do Rio de Janeiro. 2 — O sr. Octavio Mangabeira, ministro do Exterior, descendo do «Cornwall», que visitou. 3 — Banquete offerecido pelo sr. embaixador da Inglaterra á officialidade do «Cornwall». O sr. embaixador Bilby Alston tem, na photographia, á direita os srs. ministro da Marinha e commandante da unidade britannica e á esquerda o sr. almirante chefe da Missão Naval americana. 4 — Os srs. embaixador da Inglaterra, nuncio apostolico, embaixador do Chile e pessôas gradas em visita ao navio inglez. 5 — O commandante e officiaes do «Cornwall», em companhia do sr. embaixador da Inglaterra, em visita aos tumulos dos mortos de Dakar.

O CAMPEONATO DA CIDADE

O Vasco da Gama venceu, no domingo ultimo, o Flamengo pelo *score* de 3 x 0, na continuação do campeonato da cidade. O *team* vencedor seguido da esquadra vencida illustram esta pagina, acompanhados de quatro flagrantes da importante partida jogada no *stadium* de S. Januario.

ANNIVERSARIOS

No dia 9 — a sra. Nair de Teffé von Hoonholtz da Fonseca; a insigne pianista Guiomar Novaes; as senhorinhas Cecilia Teixeira Cardoso, Elza Alencar Araripe e Guiomar Alves; o deputado Alfredo Ruy; os srs. Primo Teixeira de Carvalho e Augusto Teixeira Bastos.

No dia 10 — as sras. Dulce Azurem Furtado, Orminda Souza Varges, Margarida Autran e Luiza Aguiar Moreira; a illustre educadora Amelia de Magalhães Lemos; a condessa Paulo de Frontin; a senhorinha Véra Pereira da Silva; o general Alberto Aguiar; as meninas Luiza Elza Massena e Alzira Moniz Telles.

No dia 11 — a sra. Maria de Lourdes Silveira de Carvalho; as senhorinhas Nadir Peçanha, Alice Abdenago Alves, Maria de Lourdes Bittencourt Pinheiro, Evangelina Fernandes; o commendador Luiz Portugal; as galantes petizas Annitinha, filha do casal Eudoro de Barros, e Elza, filhinha da viuva Roberto Trompowsky Junior.

No dia 12 — as sras. Maria Helena Figueiredo e Pindaro de Carvalho; as senhorinhas Célia de Carvalho, Maria Stella Pereira da Silva Jardim, Laura Carmil e Wanda Watson; o coronel João Principe; o dr. José Pessôa Valente.

*

Nesse dia faz annos tambem João Luso, o brilhante escriptor cujo renome já ultrapassou as fronteiras da lingua que tão luminosamente domina e embelleza.

A data de hoje é de festa para todos os que trabalham nesta casa, onde João Luso é redactor tão illustre quanto querido.

*

No dia 13 — as senhoras Vicente Neiva Pinheiro Guimarães, Paranhos de Macedo e Masson da Fonseca; as senhorinhas Baby Costa Motta, Cleonice Soares, Antonieta Delphim Moreira e Aydil Cintra; a poetiza Leda Rios; o dr. Antonio Salles; o menino Roberio, filho do casal Sylvio Julio; o senador Lacerda Franco.

No dia 14 — a sra. Constança Valladares; a senhorinha Virginia Arnaldo Tinoco; os drs. João da Costa Ribeiro e José Fortunato de Medeiros; o illustre professor e academico Aloysio de Castro; os srs. Arthur Leitão e Ladega Mangia; a senhorinha Adalgisa da Camara Lima.

No dia 15 — as senhorinhas Eugenia de Faria Ramos, Ilka Tavares Guimarães; o ministro Leoni Ramos, o barão de Ramiz Galvão, o general Serzedello Correia.

Grupo tirado no Instituto da Ordem dos Advogados, ao ser recebido como socio honorario o illustre sr. Hubert Knipping, ministro da Allemanha. Sentado ao centro, o dr. Rodrigo Octavio, presidente do Instituto, que tem á direita o novo socio honorario, dr. Hubert Knipping, e o dr. Mello e Souza, chefe do gabinete do sr. ministro da Justiça; e á esquerda os drs. Leitão da Cunha e Ouro Preto, representante do sr. ministro do Exterior. Completam o grupo varios socios do Instituto, entre os quaes a joven advogada dra. Orminda Bastos.

NOIVADOS

— a senhorinha Maria das Dores de Carvalho e o sr. Francisco José [illegible];

— a senhorinha Aracy Senna e o dr. José Bento de Faria;

— a senhorinha Sylvia Veiga do Valle e o dr. Alair Antunes;

— a senhorinha Gloria Francisco da Silva e o sr. Francisco Galhardi;

— a senhorinha Flora Barros de Lima e o sr. Reges Pereira Coelho;

— a senhorinha Albertina Fernandes e o sr. Armando Mendonça Pereira.

CASAMENTOS

— a senhorinha Zuila de Castilhos e o 1.° tenente Affonso Emilio Sarmento;

— a senhorinha Neemia Vieira de Mello e o tenente Annibal Vieira de Macedo;

— a senhorinha Maria Apparecida Saraiva e o sr. Mario Marques Barbosa;

— a senhorinha Leopoldina de Araujo Mattos e o sr. Albino Corrêa Duarte;

— a senhorinha Isaura Queiroz e o sr. Romulo Gifiotti;

— a senhorinha Rosalina Alves de Oliveira e o jornalista Xavier de Araujo;

DIPLOMATAS

Pelo *Massilia*, chegou a esta capital o conde Déjean, novo embaixador da França no Brasil.

O illustre diplomata teve o seu desem-

PELAS CREANÇAS TUBERCULOSAS

Grupos de gentis *vendeuses* de medalhinhas com a effigie de Santa Clara, que deram uma nota alegre á nossa capital no sabbado ultimo, angariando donativos em favor do futuro Sanatorio de Campos do Jordão, collocado sob a protecção de Santa Clara.

Em honra do anniversario de Jorge V

S. Ex. o sr. Beilby Alston, embaixador de Inglaterra, commemorando a passagem da data anniversaria de S. M. o rei Jorge V, offereceu uma brilhante recepção ao mundo diplomatico e alta sociedade carioca. Nesta pagina, acompanhando o retrato do soberano britannico, vê-se um aspecto da recepção tirado durante as dansas e, ao alto, um grupo em que se vê o sr. embaixador da Inglaterra, que tem á esquerda a senhora Octavio Mangabeira, rodeado entre outros pelos srs. Godofredo Cunha, presidente do Supremo Tribunal Federal; ministros do Exterior e da Fazenda; embaixadores da Belgica, Italia, Chile e Japão; Nuncio Apostolico e embaixador do Brasil na Argentina.

barque concorrido pelas figuras mais notaveis do mundo diplomatico e da nossa alta sociedade.

Musica

Sabbado ultimo, no salão nobre do Instituto Nacional de Musica, a menina Aurora Bruzen, alumna do professor João Nunes, realizou um encantador recital de piano.

O lindo programma do concerto da distincta pianista foi muito applaudido.

*

Obteve ruidoso successo a senhorinha Alice Ricardo, com o seu bello recital de canto, segunda-feira, no salão nobre do Instituto Nacional de Musica.

Esteve presente o mais fino elemento do nosso grande-mundo, que applaudiu com enthusiasmo a brilhante cantora.

*

A Sociedade de Concertos Symphonicos inicia no proximo sabbado a temporada artistica official. A directoria está organizando os programmas de seis promissoras audições, para as quaes abrirá inscripções entre os socios contribuintes.

*

Para hoje está fixado um bello concerto no salão do Instituto Nacional de Musica.

O grande violinista Francisco Chiaffitelli far-se-ha ouvir, tendo ainda o concurso da senhorinha Nadir Baptista e da professora Mathilde de Andrade Adamo.

Os que viajam

Deixaram o Rio: — o dr. Juvenal Lamartine, presidente do Estado do Rio Grande do Norte, que para alı regressou; o dr. Theotonio de Santa Cruz Oliveira, que se destina a Pernambuco; o sr. Manoel Pereira da Silva, para a Europa; o dr. Christovão Dantas, que regressou ao Rio Grande do Norte; o dr. Henrique Novaes, que vae ao norte do Brasil; o dr. Hunaldo Cardoso, para Sergipe.

Chegaram ao Rio: — o industrial Arthur Morse, chegado do Amazonas; o dr. Carlos Lima Cavalcanti, procedente de Recife; o padre Quinderé, chegado do Ceará; os srs. Alexandre Bloch e familia e Daniel e familia, que regressam de sua viagem á Europa.

Ida Baldi

O norte do paiz conhece já — e admira bastante — a linda voz de soprano lyrico da senhorinha Ida Baldi. Conhece-a de poucos annos atrás, de quando foi permittido a um critico dizer da encantadora artista do canto, repetindo o verso do poeta, que era «um pouco de menina e um pouco de mulher». De então para cá, a voz de Ida Baldi

Senhorinha Ida Baldi.

educada incessantemente, adquiriu o maximo da maleabilidade e da doçura, e a joven cantora, que tem marcado como jornadas de gloria as suas *tournées* ao norte desde Manáos, apresentar-se-ha em breves dias ao publico do Rio, pela primeira vez.

E' para affirmar-se que Ida Baldi terá na nossa capital o mais assignalado exito, triumphando como sempre, com a sua voz seductora e magica.

Poesia Nova do Brasil

A senhora Eugenia Alvaro Moreyra — que tão funda impressão deixou no espirito ao concorrer, com tamanho esplendor, para a realização desse lindo emprehendimento que foi o Theatro de Brinquedo — mostrará á élite do Rio de Janeiro na noite da proxima quinta-feira, 14, no Instituto Nacional de Musica, a Poesia Nova do Brasil.

Nesse recital, que se tornará memoravel, a senhora Alvaro Moreyra cantará Ronald de Carvalho, Raul Bopp, Guilherme de Almeida, Ascenso Ferreira, Vargas Netto, Emilio Moura, Mario de Andrade, Cassiano Ricardo, Rosario Fusco, Felippe d'Oliveira, Manoel Bandeira, Pedro Vergara, Oswald de Andrade, Augusto Meyer, Ribeiro Couto, Affonso Arinos Sobrinho, Paulo Mendes de Almeida, Henrique de Rezende, Manoel de Abreu, Jorge Sallis Goulart e Alvaro Moreyra.

Pelos clubs

O Club dos Bandeirantes continúa a proporcionar agradabilissimos momentos de alegria aos seus associados. Todos os domingos, sua confortavel séde se enche para os jantares dansantes, que se prolongam até á meia noite.

*

O Gavea Club, o elegantissimo *cercle* da Gavea, realizou sabbado ultimo, á noite, sua primeira soirée artistica da

Sra. Eugenia Alvaro Moreyra.

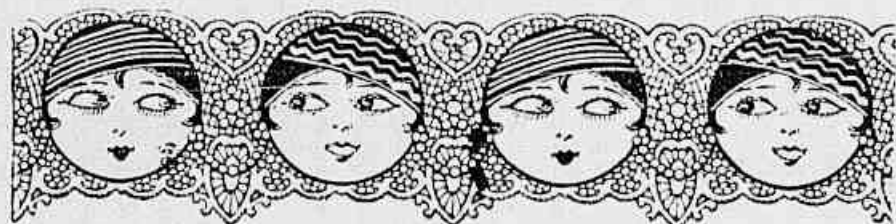
série organizada para este inverno, que transcorreu formosissima e teve a mais bella das assistencias.

Chás de caridade

Esteve lindissimo o chá-dansante que se realizou, sabbado ultimo, nos salões do Club dos Bandeirantes, em favôr do "Abrigo das Cégas".

M. de D.

A MULHER QUE SEMPRE RI

POR BEATRIZ DELGADO

PARIS tem as suas figuras inconfundiveis, as suas figuras-museu que são olhadas com uma sympathia instinctiva pela multidão anonyma dos boulevards. Quando ellas passam, ha um sorriso acolhedor em cada bocca e, devagarinho, ouve-se o nome do idolo: Olha, é fulano! E a creatura apontada sente qualquer coisa de suave nesse acolhimento sympathico dos que caminham.

Entre os muitos artistas que Paris contém, ha dois que se distinguem como sendo os mais poderosos senhores da popularidade das ruas: Chevalier e Mistinguett.

Maurice Chevalier é, em qualquer dos boulevards por onde caminhe, o mesmo actor applaudido do *Casino*. Os garotos apontam-no familiarmente e as mulheres deitam-lhe uns certos olhares cumplices e maliciosos que são, talvez, o reflexo das canções que elle cria... E os homens? Esses imitam-lhe o andar, a desenvoltura e, os que podem, não olvidam a originalidade do smoking ou da gravata. Nos labios de Chevalier paira, constantemente, um sorriso alegre e gaiato, e ha sempre um dito espirituoso para aquelles que o olham ou apontam.

Mistinguett é o Maurice de saias. A mesma alegria communicativa, a mesma graça gavroche, os mesmos olhos brilhantes e agitados, a mesma despreoccupação de attitudes e até o mesmo espirito atrevido na rapidez das respostas. Quando atravessa o *Bois*, á hora matinal das galopadas a cavallo, veste umas calças largas e monta á americana. Nada de saias longas a impedirem os movimentos ou de chapeu duro a pesar na cabeça. Um bonnet simples, um bonnet-apache, e é tudo. De vez em quando, os cabellos reclamam o ar perfumado do Bois e ella, com um sorriso amigo, faz-lhes a vontade. Em todos os momentos Mistinguett sorri. O seu sorriso é o pó de arroz da sua physionomia. Quando se zanga, sorri ainda; porque a mais conhecida das estrellas parisienses não briga como todo a gente, não franze as sobrancelhas nem morde os labios com raiva. Ella sorri e castiga; ella sorri e ensina. E' interessante observar como aprecia percorrer Montmartre e demorar-se nas *boites* mal afamadas. Não vai áquellas que o estrangeiro procura e frequenta ou ás que vendem o champagne a 100 ou 200 francos a garrafa. Ella demora-se nas pequeninas e sordidas *boites* do velho Montmartre, onde o champagne é substituido por uma aguardente com ginja ou por um *punch* barato e onde os frequentadores não exhibem smoking mas um velho fato de ganga. E lá Mistinguett observa e estuda. E' ali que nascem os seus typos de gigolette das ruas; foi ali que nasceu a sua estupenda criação de *la belotte*. E todas a conhecem e estimam.

Depois do Moulin Rouge, onde trabalha, são estes os logares mais frequentados pela celebre mulher das pernas lindas. E, no emtanto, quando alguma celebridade ou alguma alteza visita Paris, Mistinguett é chamada ao palacio presidencial para, juntamente com Cécile Sorel, exhibir a arte franceza. Emquanto Cécile symbolisa o requinte Mistinguett representa a "alma encantadora das ruas".

O sorriso desta maga da sympathia popular lembra um estandarte: todos o veneram. Desde os garotos, travessos e descalços, que lhe pedem dois *sous*, até aos nomes gloriosos de Paris que lhe beijam a mão, todos apreciam e conhecem esse sorriso. E, ha pouco tempo ainda, tendo a artista dado algumas photos para serem vendidas numa festa de caridade, poz-lhes esta phrase:

"Que o meu sorriso ajude a *empurrar* este retrato..."

Mistinguett das pernas famosas e do sorriso sympathico! E' na belleza exquisita da sua bocca e na perfeição absoluta das suas pernas que reside, talvez, o maior segredo do seu exito.

Beatriz Delgado

A colonia italiana levou a effeito uma solemnidade commemorativa da entrada da I t a l i a na Grande Guerra, fazendo-se ouvir varios oradores. As gravuras que aqui estão mostram um aspecto do Theatro Phenix, no momento em que a assistencia fazia a saudação á Romana, e os tres oradores: com. Attilio Bianchini, cap. Giovanni Mega e commendador Luigi Freddi.

1 — **Pedro Alexandre**, filho do sr. Mariano Pereira e d. Albertina de Souza Pereira (Lisbôa).

2 — **Willington**, filho do sr. Antonio Cruz e d. Olivia Cruz.

3 — **Fernandito**, filho do tenente Alexandre Fernandes de Souza e d. Lydia Fernandes de Souza (Lisbôa).

4 — **Risoleta**, filha do capitão Cecilio da Cunha Bastos e d. Raymunda N. Bastos.

5 — **Arnaldo**, filho do sr. Arnaldo Vieira e d. Almerinda Vieira.

6 — **Maria Lilia**, filha do casal dr. David Simon.

7 — **Dôra** e **Disa**, filhas do sr. Miguel Alves de Araujo e d. Maria Luiza do Adro Araujo.

NOTICIAS E COMMENTARIOS

A senhora Maria Eugenia Celso, a brilhante escriptora patricia, no Instituto Historico, na tarde em que occupou a tribuna, marcando o ingresso da Mulher na augusta assembléa. A soberba artista, buriladora de «Vicentinho», tem á direita os srs. conde de Affonso Celso e Max Fleiuss, presidente e secretario do Instituto.

As novas diplomadas da Pro-Matre.

A febre

As noticias do inicio da semana deram como provavel a existencia de alguns casos de febre amarella no norte do paiz, com irradiação, consubstanciada em casos suspeitos, na capital da Republica, creando dest'arte um ambiente de justas apprehensões e aconselhando medidas immediatas e de summa energia.

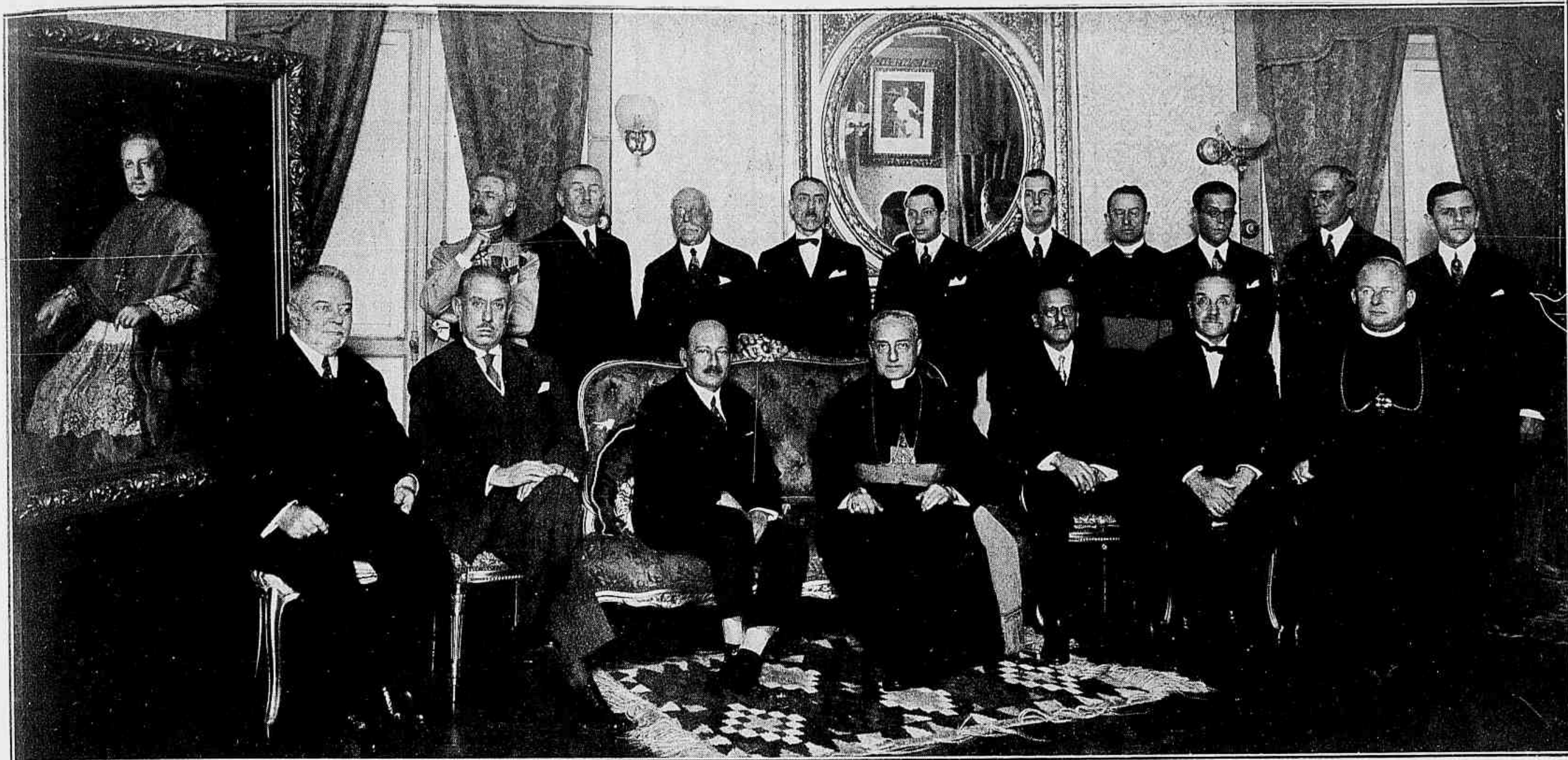
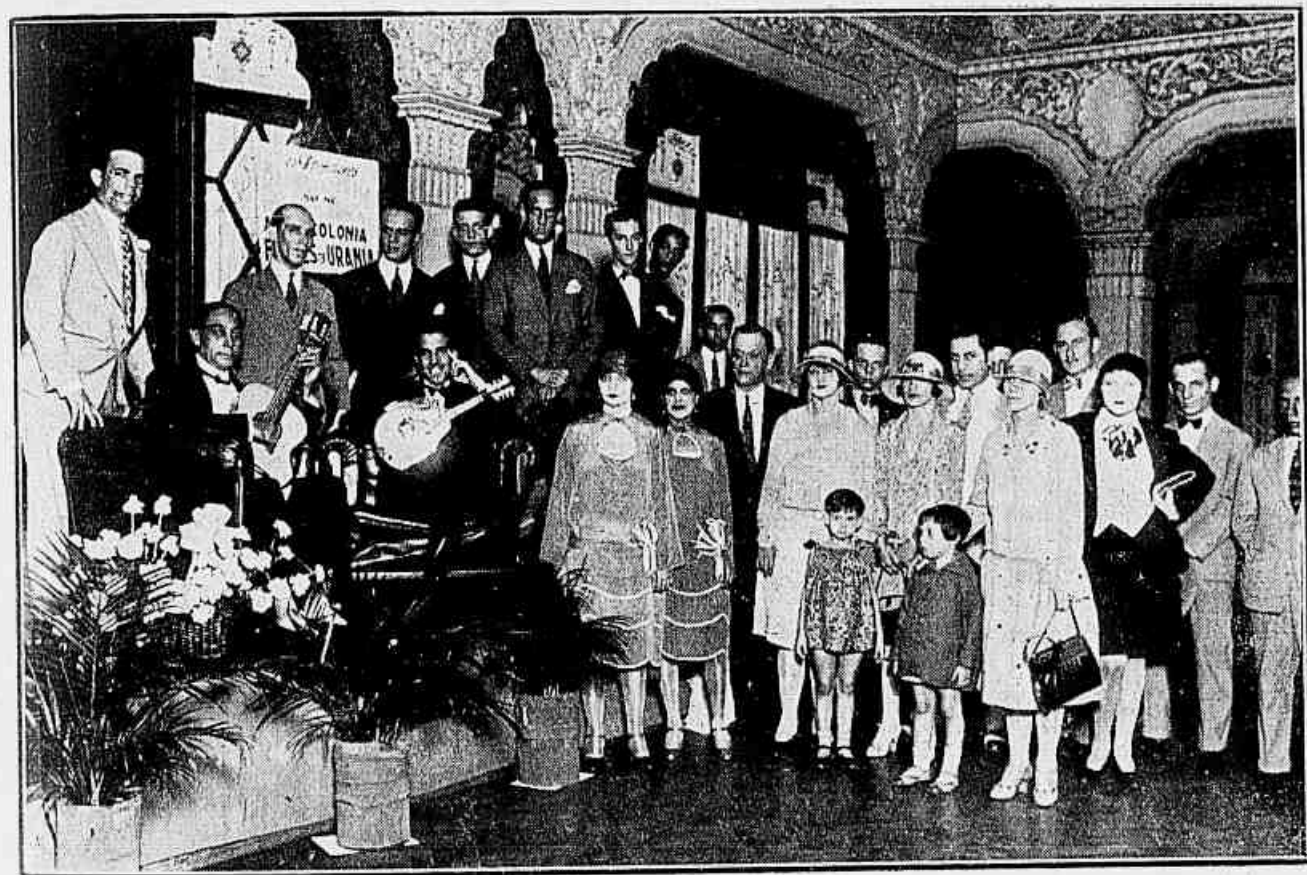
Tivemos — não ha negar — a febre amarella no Rio como uma quasi endemia, arvorada em espantalho para os extrangeiros, que de nós nem ouvir falar queriam. Oswaldo Cruz, o Grande, extinguiu-a, mediante um systema, troçado a principio em prosa e verso,e mais tarde abençoado por todos os brasileiros. O mosquito foi a victima principal do sabio a quem tanto devemos. E, extinctos os focos, o mal que nos aniquilava foi cedendo, até desapparecer por completo.

A obra de Oswaldo Cruz, porém, foi abandonada, por motivos varios, sobrelevando o da não consignação de verbas proprias para o seu custeio; e o Rio de Janeiro — todos o sentem — é um amplo viveiro de mosquitos, em todas as suas zonas: urbana, suburbana e rural.

O povo sente que a trilha de Oswaldo Cruz não póde ser desamparada; sente- melhor ainda, agora, quando se annun- cia que a febre amarella está a bater-n á porta. E é de esperar que os poder publicos defendam com a maxima ene gia o bom nome do Rio de Janeiro e — mais do que tudo — a vida dos seu habitantes.

As primeiras ordenações feitas pelo novo bispo de Nictheroy, d. José Pereira Alves. Aspecto tirad no momento em que se achavam voltados para o solo, symbolisando a renuncia ao mundo, os seminaristas José Nicomedes de Souza e Joaquim de Carvalho José, que receberam as ordens de sub-diacono.

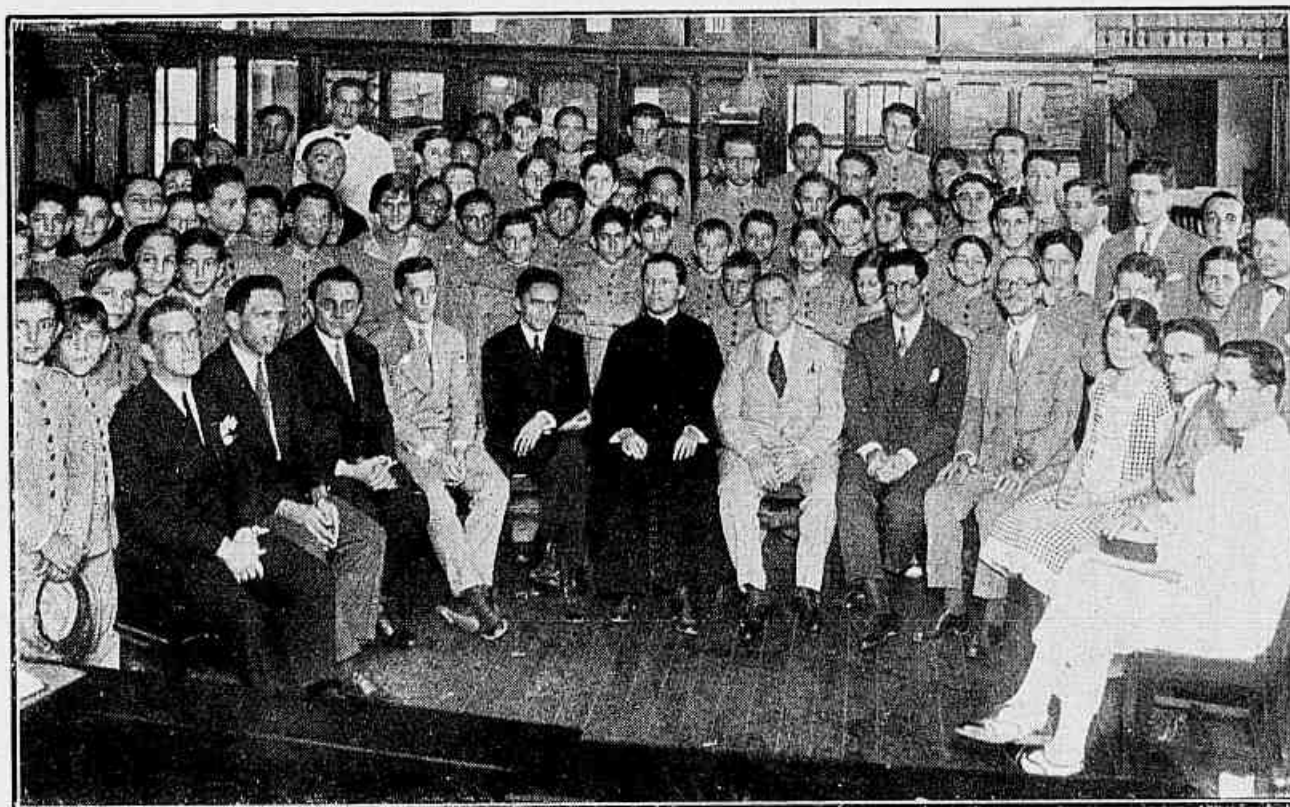
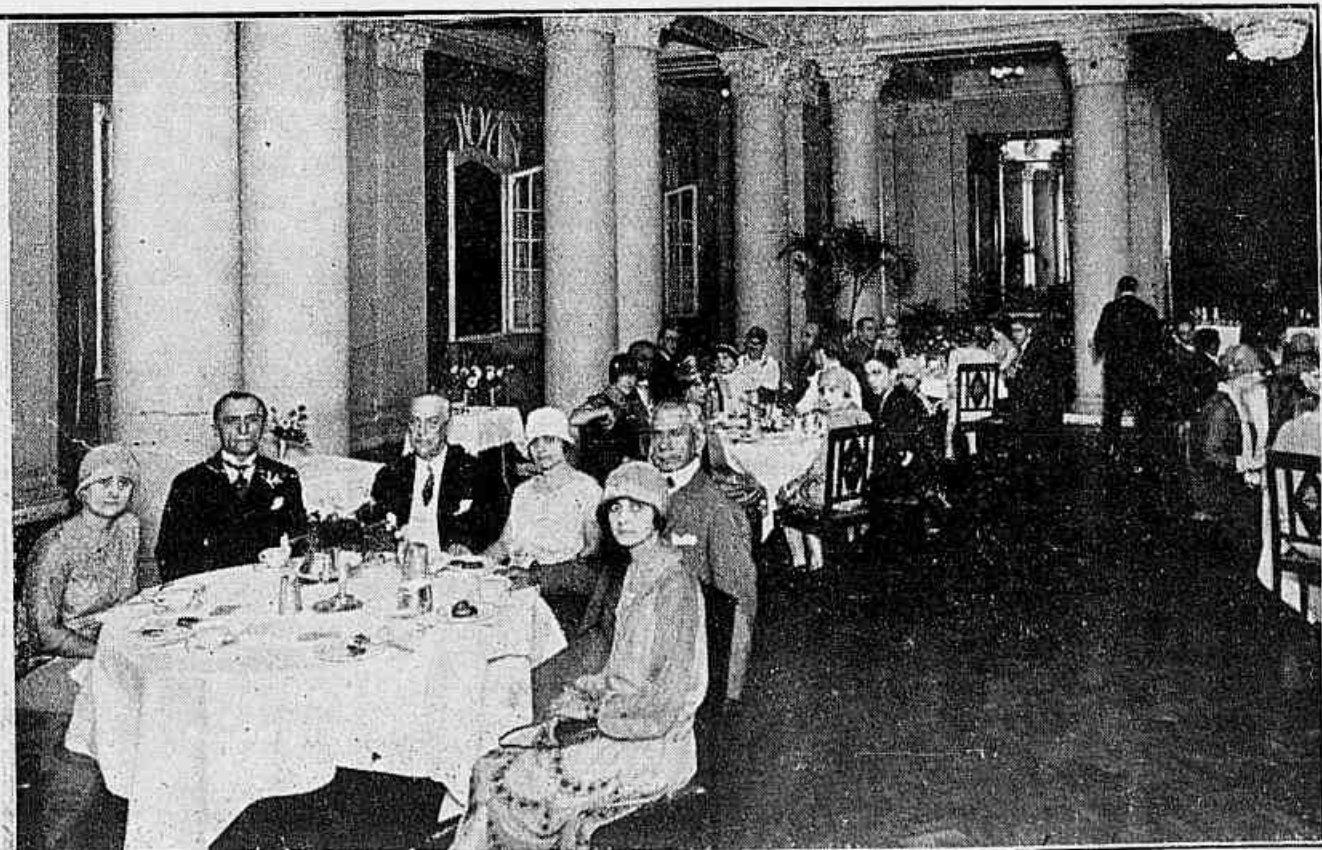
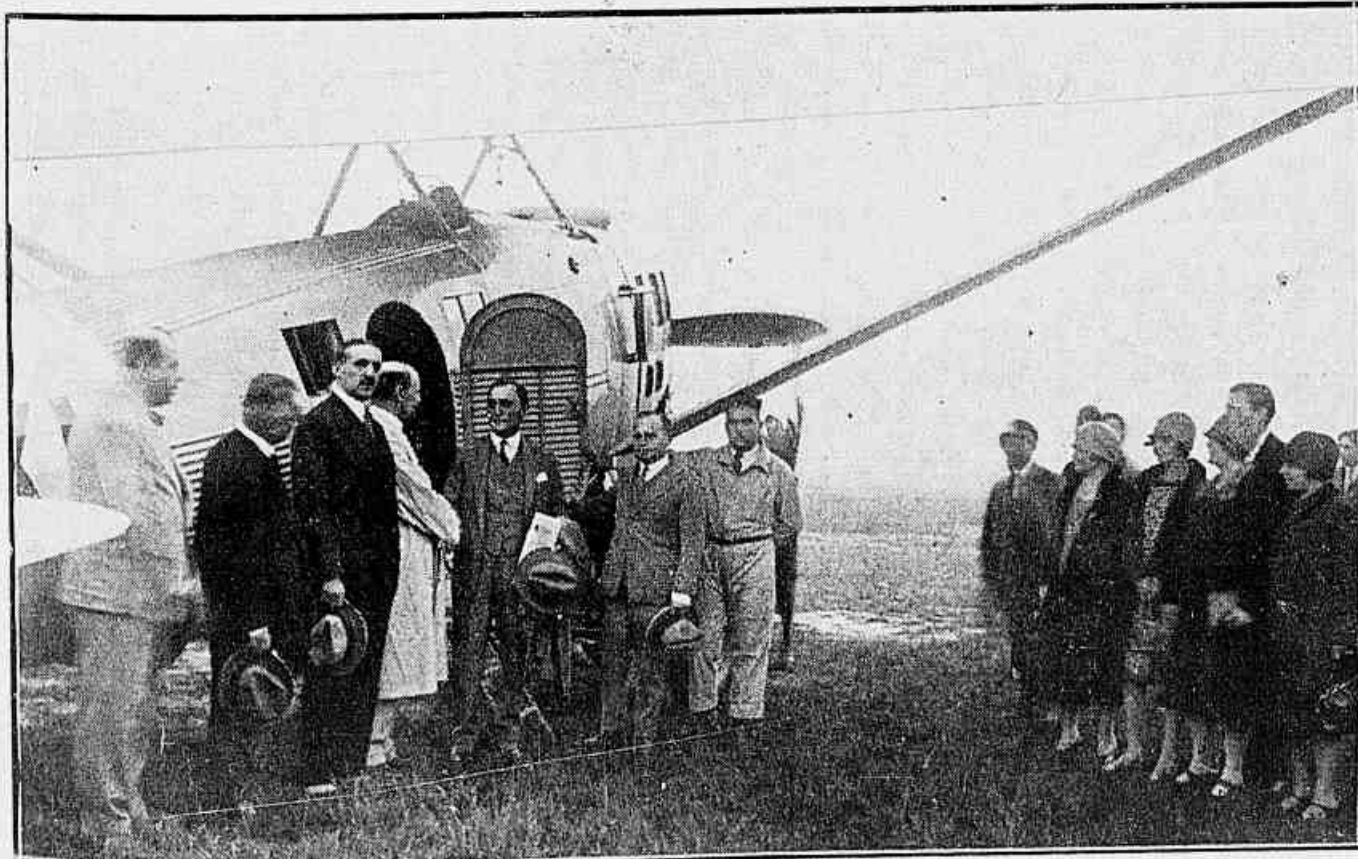
Na Academia Nacional de Medicina, ao serem empossados os novos academicos prof. Alenido de Figueiredo Baena e drs. Jarbas de Carvalho e H. de Souza Araujo, que se vêem em companhia do eminente prof. Miguel Couto, presidente da Academia, e outros academicos.

A chegada ao Rio de Janeiro do novo Embaixador da França no Brasil, conde Paul Déjean. A' esquerda, s. ex. entre os srs. Carlos Taylor, chefe do Protocollo do ministerio do Exterior, e conde de Robien, encarregado de Negocios da França; á direita, o sr. embaixador Déjean desembarcando no cáes do porto.

Grupo tirado no palacio da Nunciatura Apostolica após o almoço offerecido por monsenhor Aloisi Masella ao sr. dr. Rodrigues Alves, embaixador do Brasil na Republica Argentina. Da esquerda para a direita vêem-se, sentados, os srs.: Ramos Montero, ministro do Uruguay; Mora i Araujo, embaixador da Argentina; embaixador Rodrigues Alves; monsenhor Aloisi Masella, nuncio apostolico; almirante Pinto da Luz, ministro da Marinha; Irarrazaval Zanartu, embaixador do Chile; archi-abbade de S. Bento, d. Pedro Eggerath. De pé, na mesma direcção: general Spire, chefe da Missão Militar franceza; Hubert Knipping, ministro da Allemanha; conselheiro Camelo Lampreia; dr. Carlos Maximiano de Figueiredo; Ramos Montero Filho; Octavio Brito; monsenhor Egidio Lari, secretario da Nunciatura; Carlos Celso de Ouro Preto, do gabinete do ministro do Exterior; coronel Bias Pimentel, ex-addido militar do Chile, e commandante Luiz Felippe Pinto da Luz. A' esquerda da gravura, o retrato do sr. Nuncio Apostolico feito em 1925, no Chile, pelo pintor italiano F. Paulo Antonio.

O violonista Barros e o bandolinista Netto na prova musical de resistencia que realizaram, de 52 horas, que foram ultrapassadas.

O "bluff" do inverno

Acredite-se em folhinhas!... Os pobres collegiaes vêem-se doidos quando lhes ensinam que o outomno acaba em Junho e faz nascer o inverno, e sentem-se assim porque não ha meio de haver outomno no Brasil nem de surgir no horizonte — este anno, como quasi sempre — o inverno!

O inverno parece ser uma pilheria. Annunciam-n'o com rigorismo mathematico; esperam-n'o com ansiedade; apregôam-n'o como ponteiro das descidas das cidades elegantes das serras e como necessidade para compensação dos rigores do estio. Entretanto, o inverno não vem, e o calor ahi está, com toda a sua omnipotencia, abrazando, mortificando, martyrisando!

Quem foi que disse que o inverno existe?

Monsenhor Mac Dowell, lente de Educação Moral e Civica do Collegio Pedro II, em companhia de seus alumnos e dos directores e funccionarios da Agencia Americana, por occasião da sua visita a essa empreza.

O sr. Juvenal Lamartine, presidente do estado do Rio Grande do Norte, no Rio de Janeiro. A' direita, aspecto do chá offerecido a s. ex. pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, vendo-se na primeira mesa o sr. Juvenal Lamartine em companhia das senhorinhas Bertha Lutz e Carmen Portinho e dos senhores embaixador dos Estados-Unidos e senador Silverio Nery. A' esquerda, o sr. Juvenal Lamartine despedindo-se, para embarcar no avião em que regressou a Natal, num vôo de doze horas.

A solemnidade commemorativa do vigesimo sexto anniversario da fundação da Academia de Commercio do Rio de Janeiro, durante a qual se realizou a ceremonia da collação de grau dos Contadores que terminaram o curso geral no anno de 1927. A' esquerda a mesa, presidida pelo prof. conde Candido Mendes; á direita, aspecto da solemnidade no salão da Associação dos Empregados no Commercio.

Se a moda péga...

Os que estão condemnados a viver de expedientes teem agora um novo... expediente. Tivemos sciencia delle por noticias telegraphicas da Republica Argentina.

O sr. presidente Marcello Alvear viu-se perseguido nas ruas de Buenos-Aires, ao passear de automovel, por um individuo que se tornou suspeito, a ponto de ser preso. Seria um anarchista?

Qual nada! O pobre homem, desempregado, queria apenas, com a mais pacifica das intenções, rogar ao Presidente da grande nação do Prata um emprego. Não sabemos se lá se exigem, como aqui, attestado de vaccina, carteira de reservista e... pistolões... O que podemos affirmar é que no dia seguinte — explicada a perseguição que o homenzinho movia ao presidente Alvear e as suas intenções — foi satisfeita a sua vontade, ou antes a sua necessidade. O presidente Alvear deu-lhe um emprego.

Aqui no Rio andam aos pontapés os desempregados. Enxameiam pelas esquinas. Se a moda péga, dentro em pouco nós os veremos atrás do automovel presidencial em carreira desabalada, mesmo porque só se póde perseguir o automovel do sr. Washington Luis fazendo força de verdade.

E o resultado?

Naturalmente não se fará esperar: o Rio ficará privado do sorriso de Sua Excellencia, por causa dos desempregados...

Marinheiros do cruzador inglez "Cornwall" em passeio ao Corcovado.

Senhora Elisabeth Vieira, esposa do sr. Horacio Vieira.

Mario Penaforte

O pianista e compositor Mario Penaforte realizará no dia 12, no Instituto de Musica, ás 9 horas da noite, um concerto de piano, com suas novas composições. Mario Penaforte, que partirá no proximo mez para a Europa, afim de realizar concertos e tornar conhecidas suas composições, dedicará o que apurar nas entradas a uma casa de caridade.

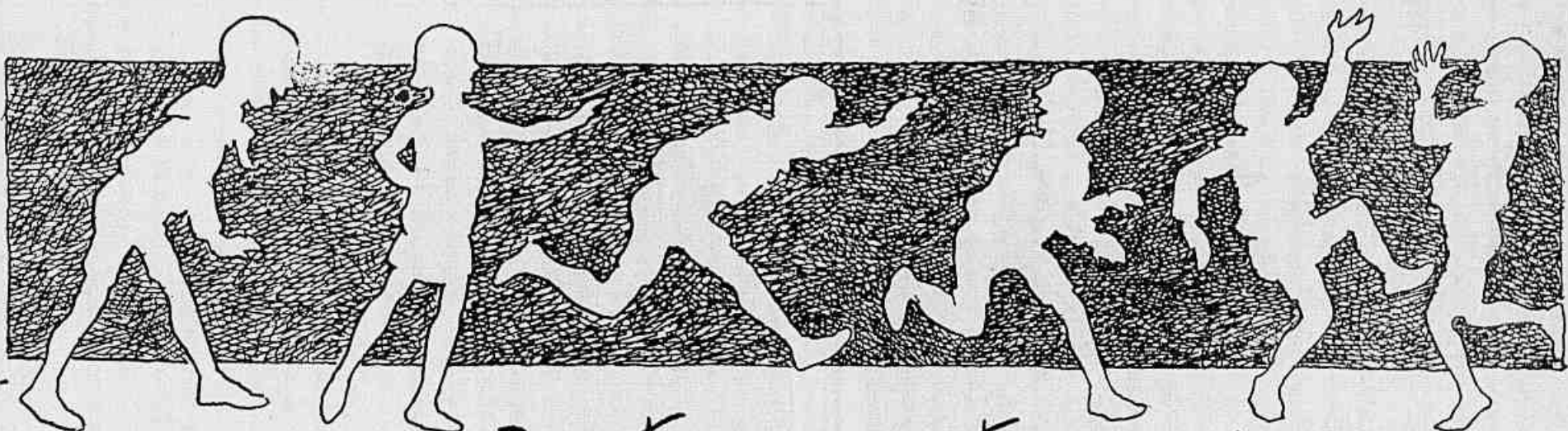
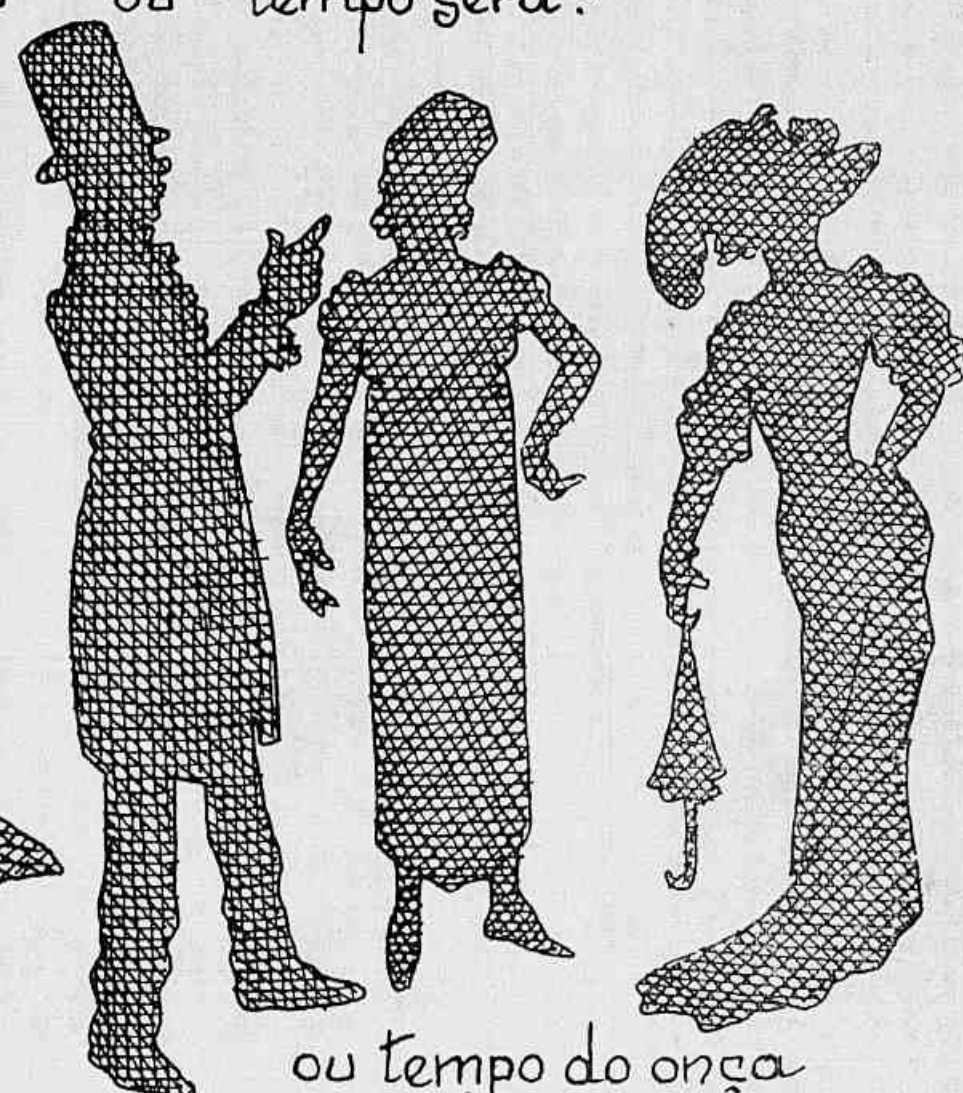
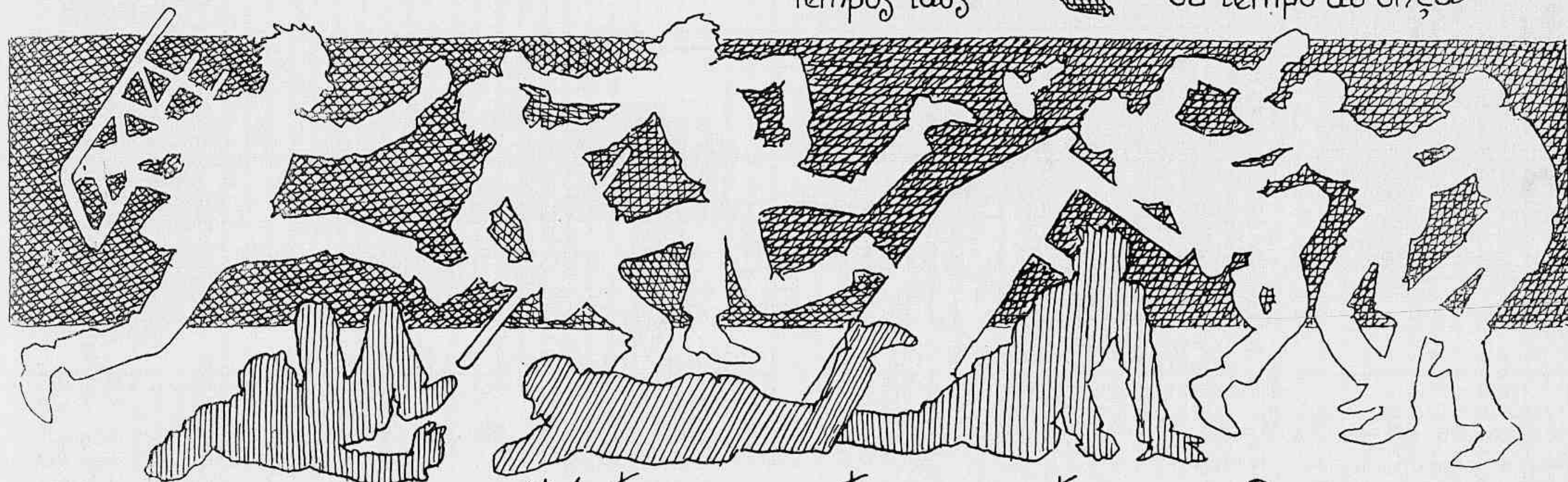
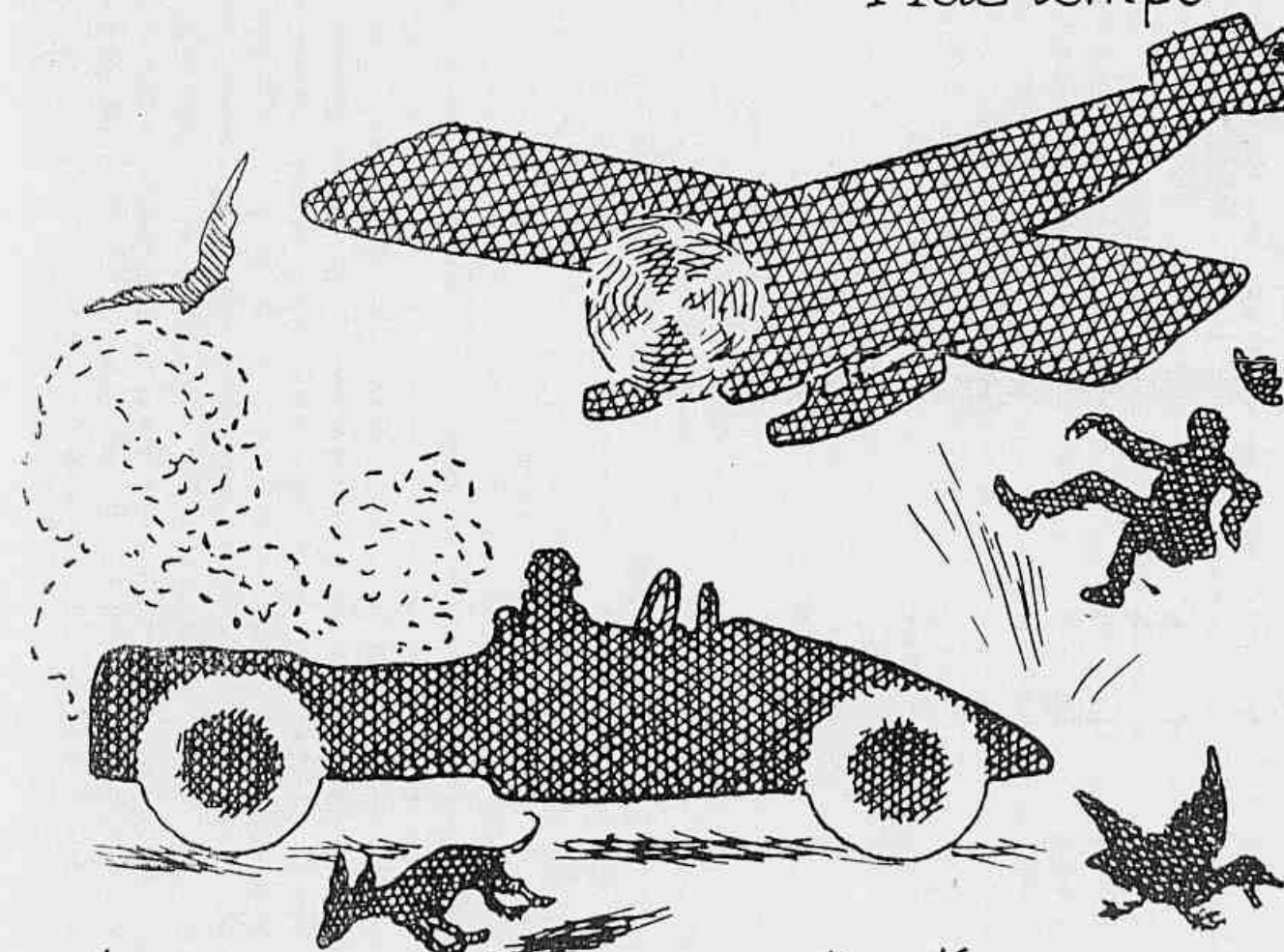
A commemoração do quarto anniversario do Radio Club. A' esquerda, grupo de senhoras, senhorinhas e cavalheiros presentes á festa commemorativa; á direita, o sr. Victor Konder, ministro da Viação, presidindo á ceremonia da inauguração das novas installações do Radio Club.

O amor dos eternos bem-amados

Genuino e primogenito entra o amor no coração, creança ainda, para logo abandonar o recreio de seu arco e suas frechas. E, uma vez aquietado no mais dentro do peito, desprendem-se-lhe as azas e começa o amor um entretecido de affectos, unificando os bem-amados que reciprocamente se partilham amorosos desvélos. Com o passar das estações vae o amor crescendo em gratidão entre os esposos; e, assim, com tal vehemencia engrandecido o amor, já um dos consortes não consegue, por mais que ame, prodigalizar ao outro bastante amor compensativo! Ao depois, quando envelhecido o amor conquistou mesmo os mais intimos segredos d'alma, affeita a amar, o venturoso casal naturalmente de outro maior mistér não trata ou fala sinão de seu proprio amor; porque, sendo elle o que mais lhe pulsa o coração, é por isso mesmo o que mais lhe agita o pensamento e está perto da bocca. ...Um dia sobrevirá bipartindo os que se tinham unificado. Então, cessando aquelle consentido egoismo de dois, as azas que o amor-creança houvera deixado no coração se ajustam á alma do bem-amado extincto para subil-a até Deus! Afinal... quando uma gotta-celeste cahir no calice de amargura do consorte sobrevivo, e este se dispartir tambem, para rehaver a felicidade perdida, um anjo, com o amor já divinizado, o acolherá no luziluzente azul espaço, para soerguel-o ao céo. D'amorosa munificencia de Deus desce, então, sobre os eternos bem-amados o perdão de todo o peccado, que o redimiram na só orphandade do amor em que se contiveram!

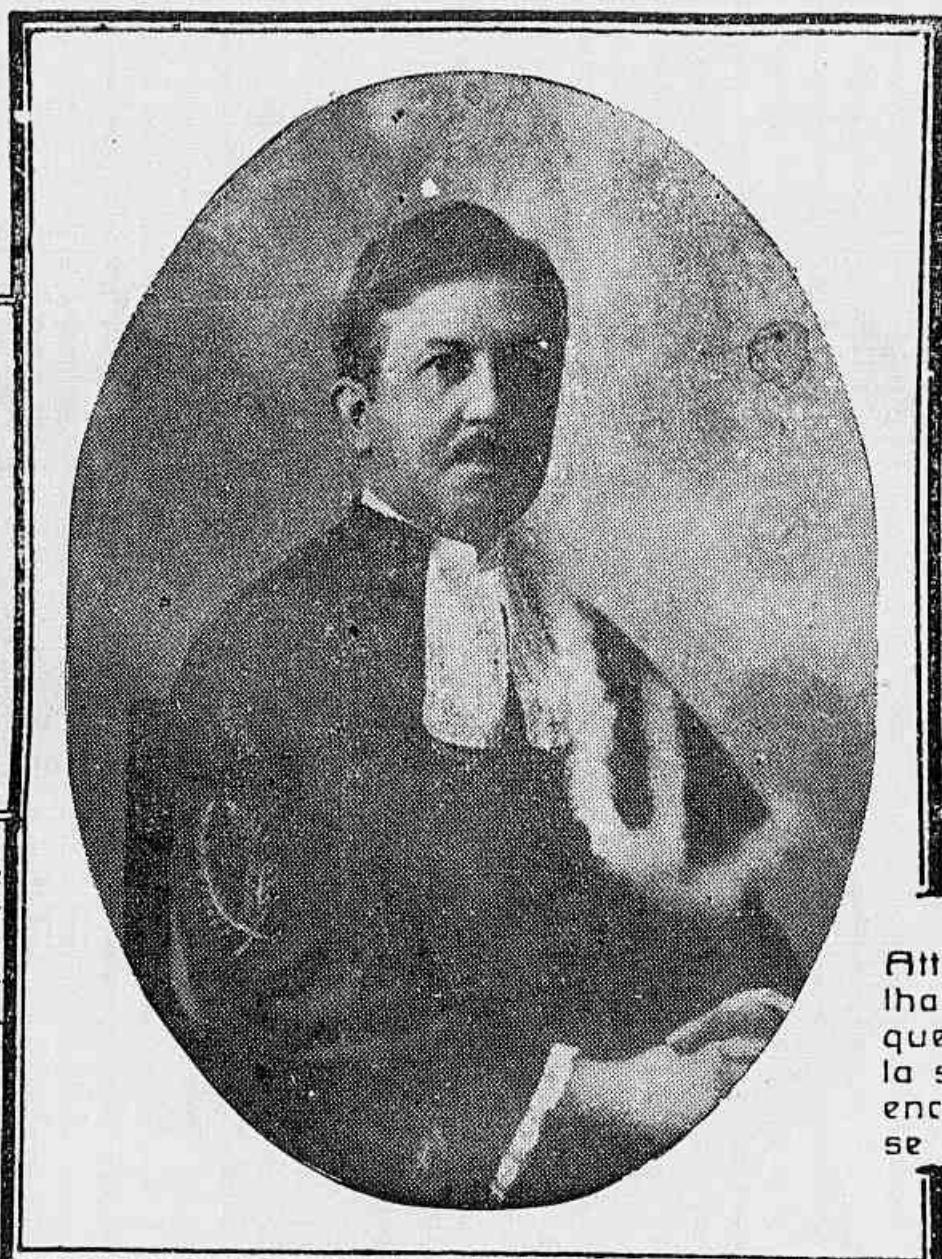
Admiravel o... mythologico amor dos eternos bem-amados!

Mario Bulhão.

O TEMPO... E SUAS VARIAÇÕES
Bom tempo ou "tempo gerá"?
Tempo incerto, instavel
Tempos idos
ou tempo do onça
Máu tempo ou tempo quente
Tempos que correm ou contra-tempo
Tempo perdido...
RAUL

Dr. DELLAPE

Attesto que a Loção Brilhante, graças aos elementos componentes de sua formula, é um verdadeiro especifico para as affecções do couro cabelludo. Tenho-a receitado nos casos rebeldes de eczemas e affecções do couro cabelludo, barba e sobrancelhas, contando já com não pequeno numero de curas. Reputo, pois, a "Loção Brilhante", um excellente medicamento para as molestias do couro cabelludo. Eu proprio tenho feito uso da referida Loção contra as caspas e quéda do cabello com resultados surprehendentes.

Dr. BENJAMIM REIS

Attesto ser a Loção Brilhante um optimo preparado, não só contra a caspa, mas tambem como reconstituinte para os cabellos, tendo dado bons resultados a todas as pessoas a quem tenho aconselhado usar.

Dr. RUBIÃO MEIRA

Attesto que a Loção Brilhante é um preparado que merece confiança pela sua manipulação, preenchendo os fins a que se destina.

Dr. LUIZ MIGLIANO

Attesto que a Loção Brilhante possue na sua composição substancias que evitam a quéda do cabello.

Dr. LUIZ VAZ

O abaixo assignado, doutor em medicina e pharmaceutico, pelo que tem observado, considera "a Loção" medicamentosa Brilhante, como dotada de magnificas propriedades para combater a quéda do cabello e extinguir promptamente a caspa.

Temos o prazer de dar publicidade a algumas provas do grande valor medicamentoso da famosa LOÇÃO BRILHANTE. São ellas firmadas por scientistas que honram a medicina mundial.

A LOÇÃO BRILHANTE é, incontestavelmente, o melhor especifico tonico-capillar para combater a Quéda dos Cabellos, Seborréa, Caspas e todas as affecções do couro cabelludo.

Dr. CASSIO MOTTA

A Loção Brilhante, formula do Dr. Ground, é dos preparados deste genero que melhores resultados tem produzido, razão pela qual, aconselho-a sempre em minha clinica e passo este attestado sem o minimo constrangimento.

GRATIS!

Enviaremos pelo Correio a todos que nos mandarem o Coupon abaixo, o folheto illustrado intitulado "O NOVO TRATAMENTO DO CABELLO"

Snrs. Alvim & Freitas
Caixa, 1379 — S. Paulo

Peço-lhes enviarem-me o folheto illustrado "O NOVO TRATAMENTO DO CABELLO"

NOME: ....
RUA ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Loção Brilhante

FORMULA DO GRANDE BOTANICO DR. GROUND, CUJO SEGREDO CUSTOU 200 CONTOS DE RÉIS

Grandes Laboratorios Alvim & Freitas
Rua do Carmo, 11 — S. Paulo

PUBL.
ALVIM & FREITAS

MODAS • COSTURAS E BORDADOS ▣ A VIDA NO LAR ▣ RECEITAS E CONSELHOS PRATICOS ▣ ECONOMIA DOMESTICA E ALIMENTAÇÃO

A MODA

Dobrande-se ás exigencias da mulher moderna, os grandes costureiros não se afastam mais, como outróra, das ideias de ordem pratica.

Na abertura da sua ultima collecção, Jean Patou mostrou o exemplo verdadeiramente surprehendente de um enxoval ao mesmo tempo pratico e luxuoso — uma pequena mala contendo nada menos de quatorze modelos destinados a todas as occasiões da vida mundana: vestidos de sport, de praia e da manhã; muitos *ensembles* para a tarde e para a noite. Este milagre está realizado por meio de peças que podem ser mudadas: um *deux-pieces* branco com *sweater* tricotado transforma-se em vestido de baile, quando este ultimo é substituido por uma tunica bordada de *strass*; um *manteau* guarnecido com pelle de lynce fórma um *ensemble* tão harmonioso com um simples vestido de *jersey* listado quanto com um vestido muito *habillé* de *mousseline* de seda, e assim por diante; ha na mesma collecção dois *tailleurs*, um preto e o outro de tecido de xadrezinho, que Jean Patou apresenta com o casaco de um sobre a saia do outro, para provar que se póde obter quatro effeitos differentes com dois *tailleurs* sómente.

Chéruit conserva a sua nota muito pessoal, dispondo muitas vezes sobre as saias dos seus vestidos da tarde aventaes *en-forme* ou plissados. Os *deux-pieces* de *jersey* de lã ou de *crepe de Chine* são muito numerosos nesta collecção. Para os *manteaux*, formatos muito rectos com effeitos de capa; para elles como para os vestidos simples emprega-se muito a *duvetine* fina. Entre os outros tecidos, chamam a attenção os crepes de fantasia, muitas vezes com pintas para os vestidos da tarde, e as *mousselines* vaporosas para os vestidos da noite. Nos vestidos da noite vê-se muito preto, rosa e o metal, este ultimo em renda de ouro ou de

Modelos singelos

1 — Vestido de linon branco, botões de madreperola.
2 — Vestido de foulard branco e azul marinha, barra e cinto azul marinha.
3 — Vestido de toile de seda citron, guarnecido com o mesmo tecido azul.
4 — Vestido de shantung verde resedá, enfeitado com pontos abertos.
5 — Vestido de toile de seda branca, guarnecido com fita e botões côr de cereja.
6 — Vestido de crepe de Chine parme, enfeitado com pontos abertos e crepe de Chine violeta.

prata. A linha geral continua offerecendo aquelle movimento cahido atrás para os vestidos da noite e, na maior parte dos modelos, com effeitos de cintura muito subida na frente.

ULTIMOS MODELOS

1 — Vestido para a noite, de tafetá preto, bordado com grandes flôres de prata.
2 — Vestido de baile em mousseline de seda preta, guarnecido com renda de prata.
3 — Vestido de baile, tendo o corpo de crêpe Georgette branco com incrustação de lamé de prata e bordado com strass; a saia de setim preto tem a parte drapée forrada de branco e retida por uma fivella de strass.
4 — Vestido genero tailleur de marocain vieux-rose, guarnecido com galões cirés de um tom mais escuro, cinto de camurça.
5 — Vestido de crêpe-setim preto, as applicações são feitas com o lado baço do tecido.
6 — "Coupe-file" é o nome que Premet deu a este seu modelo de setim preto, guarnecido com pontos abertos.
7 — "Songe d'or" vestido para a noite, de Premet, de mousseline de fantasia azul, rosa e ouro, guarnecido com renda dourada e uma faixa de tafetá azul e rosa.

CONSELHOS SOCIAES

A VERDADEIRA GENEROSIDADE

E' preciso saber dar com discernimento, não sómente para que a dadiva aproveite áquelle que a recebe, mas tambem para ter todo merecimento da bôa acção. Distribuir o dinheiro não é nada para aquelles que possuem muito; é ainda menos talvez para aquelles que não conhecem seu valor: os prodigos.

E' preciso que o rico saiba dar, que tenha no seu gesto a intenção de dar prazer ou de ajudar ao seu proximo.

A' sua caridade que elle saiba juntar a delicadeza, tão preciosa aos obsequiados.

Dá-se algumas vezes — muito! — por tantas razões pouco honrosas: por impaciencia ou cansaço, para se ver livre dos solicitantes; por egosimo, para não ver as miserias que entristecem; por ostentação, para fazer conhecer ao publico a importancia das suas liberalidades! Esses que agem assim não obedecem ao preceito de caridade: são vaidosos ou cobardes. E quantos outros, sem o ser, deixam muitas vezes de inquirir as verdadeiras necessidades e as disposições moraes do proximo!

Outro dá, para cumprir o seu dever, dinheiro ou objectos uteis; mas seria incapaz de fazer um esforço pessoal em favor de seus semelhantes.

A's vezes damos porque não temos coragem de recusar. Mas quantas vezes essas liberalidades são fóra de proposito e até imprudentes? Quantos dão aos de fóra e por esta razão não pódem dar o bem-estar necessario ao seu lar! Isso é um erro. Temos primeiro de cumprir as nossas obrigações.

Privar-nos para sermos generosos, sim; mas não privar os outros.

Por exemplo: uma dona de casa, que dá dinheiro aos pobres, e no fim do mez não o tem para pagar aos seus fornecedores, faz uma acção indigna; isso é ser generoso á custa alheia, é dar o que não é seu.

E' sobretudo no correr dos dias, na intimidade que convém habituar-se a agir generosamente: o dom de si mesmo é mais precioso que o dos bens de que se dispõe: só elle faz desabrochar em todo o seu esplendor esta floração da alma humana: a Caridade.

NOSSA ALIMENTAÇÃO

LIVROS SOBRE A HYGIENE ALIMENTAR

Examinando-se um instante a multiplicidade das industrias de alimentação e enumerando as profi-

sões e os empregos que gravitam em volta della, constata-se logo o logar enorme que ella occupa na actividade humana.

Esta questão da alimentação é justamente considerada como primordial, pois só ella assegura, com o restabelecimento das forças, a flexibilidade dos musculos, o vigor do corpo e a ponderação do espirito.

Mas para realizar o problema de uma alimentação bem comprehendida é preciso, necessariamente, conhecer primeiro as propriedades bôas ou más das substancias alimenticias, agentes directos dos alimentos; poder associal-as e preparal-as segundo as prescripções da hygiene e as regras da pratica culinaria; saber tambem o valor proprio e o uso dos temperos, auxiliares indispensaveis da nutrição, sem os quaes não pode ser attingida a nota vibrante da harmonia saborosa.

Onde encontrar essas informações preciosas, certas, esses processos sanccionados pela pratica que, junto aos dados scientificos, permittam discernir sem nenhum esforço como preparar a alimentação para os paladares, as idades, os temperamentos, as profissões e os climas? No estudo dos bons livros; e bem escolhido por todos deve ser aquelle que, no conjunto de conselhos e de preceitos, traga alguns conhecimentos novos na arte de manter-se em bôa saude alimentando-se bem.

Desenho que poderá aproveitar-se para ser bordado em diversas peças do vestuario.

Em lã, em seda ou em algodão, conforme o tecido que se quer enfeitar, póde ser bordado este desenho geometrico bem moderno.
Num pull-over de kasha beige, debruado com um galão azul marinha, será bordado na barra com lã azul marinha.
Num ensemble de jersey cinzento o bordado é feito com seda verde, a gravata é de fita verde e o cinto de pellica do mesmo tom.
Num collete de lã ivoire o bordado é feito com lã verde e azul.
O manteau de kasha brique, bordado com seda de um tom mais escuro.
A echarpe de duvetine cinzenta é bordada com lã azul.
Casaco de duvelaine rosa, bordado com seda azul pastel.

MENU DE JANTAR

SOPA DE LEGUMES COM LEITE

BOLO DE PEIXE

SALADA DE ALFACE

ARROZ DE POMBOS

CARNE ASSADA

ESPINAFRES

BOLINHOS DE COCO E DE AMENDOAS

MODA INFANTIL

1 — Vestidinho de linon, enfeitado com preguinhas feitas a mão. 2 — Vestidinho de crêpe de Chine rosa, guarnição feita com fita de crêpe de Chine azul *nattier*. 3 — Vestido de crêpe marocain branco e o mesmo tecido amarello, bordado com lã amarella sobre o tecido branco. 4 — Vestido de crêpe de Chine branco, guarnecido com casa de marimbondo e bordado de rosinhas côr de rosa. 5 — Vestidinho de linon azul bordado com linha branca.

BISCOITOS DE FARINHA DE MILHO

SOPA DE LEGUMES COM LEITE

Põe-se para refogar, numa penella tampada, um nabo, quatro cenouras, tres batatas, um pedaço de alho *poireau* e um pedaço de repolho, tudo muito bem picado, com uma bôa colher de manteiga e umas rodelas de cebola. Junta-se em seguida caldo ou agua, e deixa-se cozinhar muito. Os legumes são depois passades por uma peneira, juntando-se na hora de servir meio copo de leite dentro do qual se desfez uma colherinha de farinha de arroz ou de maizena. Póde-se á vontade juntar uma ou mais gemmas, e por ultimo põe-se dentro da sopa ervilhas em grão, muito bem cozidas.

BOLO DE PEIXE

Prepara-se primeiro um bom peixe ensopado, bem temperado com cebolas, tomates, vinho branco e manteiga. Separa-se bem toda a carne do peixe das espinhas, côa-se bem o môlho por um coador, mistura-se o môlho, a carne picada e miolo de pão amollecido no leite e passado na peneira, juntando-se depois seis gemmas batidas e uma bôa colher de manteiga, e por ultimo tres claras muito bem batidas. Estando tudo muito bem misturado, despeja-se dentro de uma fôrma lisa untada com manteiga. Vae a cozinhar em banho-maria e acaba de assar no forno.

ARROZ DE POMBOS

Depois dos pombos bem limpos, são cortados ao meio. Refoga-se com um pouco de manteiga á qual se junta um pouco de gordura, cebola cortada em rodelas, alguns tomates de que se tirou as sementes, um raminho de cheiros, meia folha de louro, sal e um pimentão sem as sementes. Assim que tenha tomado um pouco de côr, junta-se então os pedaços dos pombos e deixa-se refogar mexendo com uma colher de páo até que temem côr tambem; junta-se uma chicara de arroz bem lavado, que se deixa tambem refogar; depois põe-se a agua que fôr necessaria para cozinhar. Deixa-se cozinhar algum tempo em fogo forte, retirando-se em seguida a panella para o fogo brando. Deve cozinhar lentamente e com a panella tampada. Um pouco antes de servir junta-se umas

Senhorinha Noemia Andrade, rainha da S. C. Esmeralda (S. Luiz de Missões — R. G. do Sul).

Almofada excentrica

Almofada feita com seda brique, bordada com seda preta; a folhagem da corôa é feita com applicações de seda verde. Fitas de lamé de ouro passam na testa da mascara cahindo em laços dos dois lados.

gottas de calda de assucar queimado, para dar o tom escuro ao arroz.

BOLINHOS DE COCO E DE AMENDOAS

Faz-se com meio kilo de assucar uma calda em ponto de fio. Rala-se 250 grs. de côco e igual quantidade de amendoas socadas, que se junta á calda. Vae de novo ao fogo e mexe se com uma colher de pau para não pegar no fundo, mas com cuidado para não assucarar. Assim que a massa estiver largando do fundo da panella, despeja-se para uma travessa e logo que estiver morna enrola-se em bolinhas ou no feitio que se quizer. Vão a tostar no forno em taboleiros ligeiramente untados com manteiga.

BISCOITOS DE FARINHA DE MILHO

Um prato de farinha de milho e um prato de polvilho azedo, quatro gemmas e duas claras, um pouco de herva doce, sal e meia garrafa de leite.

Ferve-se o leite, com elle escalda-se a farinha de milho e com ella faz-se um angú, deixando-a cozinhar até ficar bem consistente. Deixa-se esfriar a massa e depois vae-se juntando, emquanto se amassa, os ovos, o polvilho, a gordura e o leite. Enrolam-se os biscoitos, que vão a assar em taboleiros e em forno bem quente.

PENSAMENTOS

Pensa nos males de todos os outros e tu te affligirás menos com os teus.

MARION

*

Ha mentiras de acções do mesmo modo que as ha de palavras.

Grupo de alumnas do "Curso Theresinha de Jesus" em companhia de sua directora d. Angelina Almeida do Amaral.

:: Variedades :

A questão Zola-Goncourt chamou a attenção de novo, nestes ultimos dias, sobre uma questão muitas vezes discutida: a que diz respeito á propriedade das cartas.

Conhece-se já a questão: os herdeiros de Emile Zola, preparando actualmente a publicação da sua correspondencia, tinham pedido á Academia Goncourt communicação das numerosas cartas que, durante uns trinta annos de relações amigaveis e fraternaes, o autor de Assommoir escrevera aos irmãos Goncourt.

Sabe-se que o "Jornal" dos Goncourt e todos os seus papeis foram entregues á Bibliotheca Nacional, e que conforme a vontade declarada no seu testamento por Edmond, o que falleceu por ultimo dos dois irmãos, tudo deveria ser entregue á publicidade vinte annos depois da sua morte.

Este prazo já escoou e a vontade do testador não foi executada porque Edmond de Goncourt no seu "Jornal" referiu-se com pouca consideração a alguns dos seus contemporaneos; os seus executores testamentarios receiam com razão os incidentes que poderiam suscitar aquelles que ainda vivem, ou descendentes dos que desappareceram, se o "Jornal" fosse muito prematuramente publicado.

Foram portanto forçados a contemporizar. E ninguem, verificando as razões que dictam a conducta da Academia-Goncourt, poderia censural-a pelo motivo de retardar a publicação.

Mas o facto do "Jornal" não poder ser divulgado, não devia impedir que os outros papeis dos Goncourt fossem entregues ao publico. Porque, por exemplo, impedir a publicação das cartas escriptas por Zola aos seus amigos e collegas? Supponde que alguma complicação pudesse sobrevir da sua publicação, a responsabilidade seria toda dos herdeiros de Zola e não da Academia Goncourt.

Foi isso que pensou muito sensatamente o sr. J. H. Rosny ainé, presidente da Academia Goncourt, o qual deu resposta favoravel ao pedido dos herdeiros de Zola.

O incidente está liquidado, sem processo... No emtanto, teria sido muito interessante ver como um tribunal houvera julgado o caso.

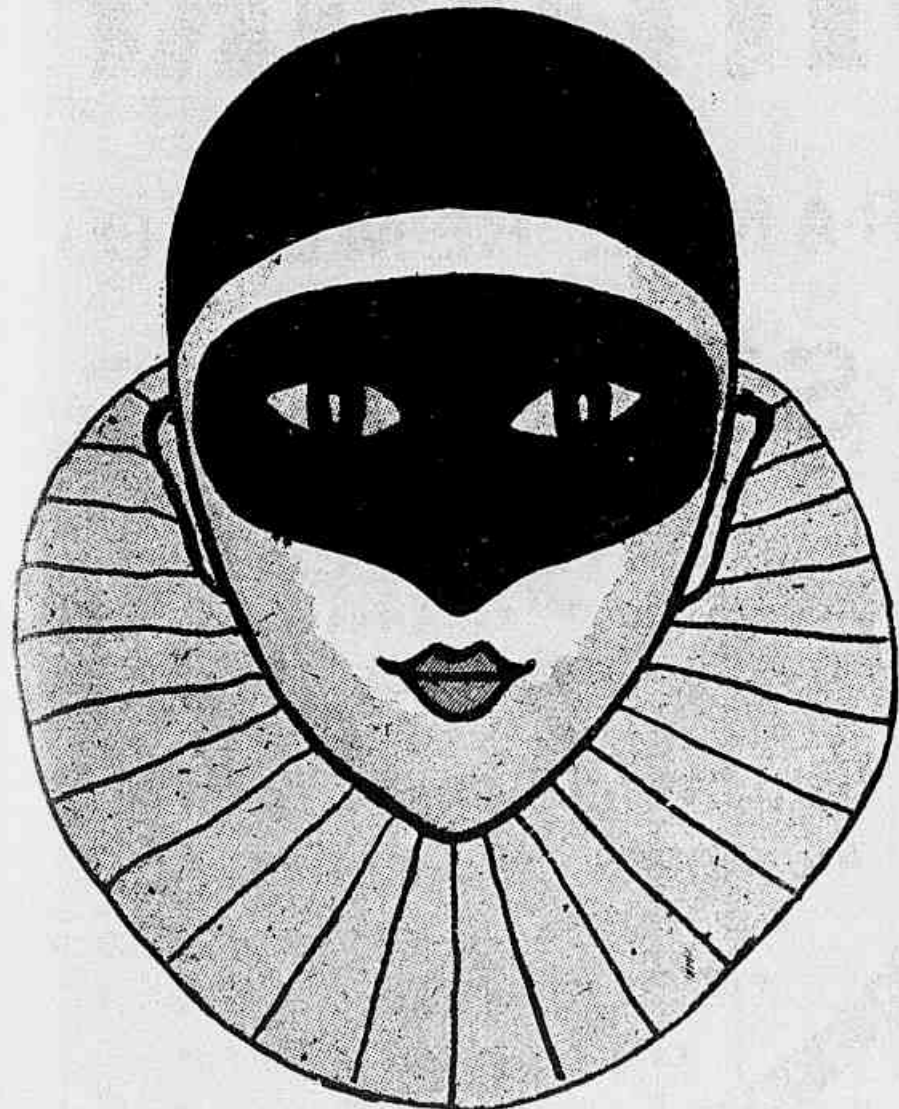
Porque ha muito tempo que se discute esta questão: a quem pertence a carta? A'quelle que a escreveu ou áquelle que a recebeu?...

A jusrisprudencia é, a este respeito, bastante vaga, pelo menos até agora. Ha alguns annos, um tribunal do Sena tinha que se pronunciar sobre um pedido de perdas e damnos pela divulgação de cartas confidenciaes. Disse a sentença que "é de principio que o destinatario de uma carta-missiva é seu pro-

prietario desde o momento que ella chega ás suas mãos e que o seu direito de proprietario comporta para elle o uso da carta para todos os fins que elle julgar necessarios".

Dir-se-hia assim que a pessoa á qual escrevemos os nossos pequenos segredos de familia, imaginando que ella os guardaria para si, poderia apoiando-se sobre um tal julgamento communicar a qualquer pessoa o texto da nossa carta.

Ainda mais: se tivermos escripto no começo da carta a palavra "confidencial" não seria isso uma razão para que guardassem o segredo. Apezar dessa menção expressa confidencial ou pessoal, disse ainda a sentença, "a carta póde ser considerada como uma carta commum se este caracter é mais conforme ao tom geral da carta, ao seu conteúdo ou ás diversas circumstancias de facto..." E', como se está vendo, uma questão de apreciação, da parte do destinatario. Imaginando-se um destinatario que não seja dotado de um caracter muito escrupuloso... calculem o que elle poderia fazer das nossas cartas mesmo confidenciaes, sem que nada pudessemos tentar contra isso.

Felizmente, esse julgamento, não fez lei. Depois, foi elle por diversas vezes invalidado por sentenças completamente contrarias.

Esta almofada, que representa um pierrot, pode ser feita com velludo, setim ou panno branco; a mascara e o bonnet de velludo preto; os contornos são bordados com seda preta e a bocca pintada com carmim.

Almofada feita com setim vermelho, os dentes e os olhos são formados por applicações de seda branca e os traços desta mascara japoneza são bordados com fio de ouro. Fios de seda preta enquadram um lado e outro do oval da mascara.

Esta é uma mascara antiga feita com setim verde jade, bordado com seda verde bronzeado. As partes applicadas são feitas com setim verde bronzeado.

Tanto assim que a viuva de Maurice Barrès e seu filho oppuzeram-se á publicação de algumas cartas do escriptor e o tribunal deu-lhe ganho de causa. Tambem, e isso muito mais recentemente, o sr. Paul Valéry poude oppôr-se á venda em leilão de cartas assignadas por elle.

O direito do expedidor sobre a carta que escreveu foi pois reconhecido. E isso é perfeitamente justo. Uma carta, logicamente, nunca deve cessar de ser propriedade do seu autor. Esta these, opposta ao primeiro julgamento citado, toma uma nova força com o acto espontaneo do sr. J. H. Rosny, presidente da Academia Goncourt, reconhecendo o direito.

E' essa tambem a opinião de Taine, dizendo que "sob pretexto algum uma carta póde ser separada do seu caracter secreto." Era tambem a opinião de Prud'hon, o qual declarava que "uma carta é um acto da vida privada que ninguem,

nem mesmo aquelle a quem ella foi dirigida, tem o direito de dar á publicidade sem o consentimento daquelle que a escreveu". E esta é a opinião de todas as pessôas de bom senso e de caracter.

Surprehende-nos que para fixar este ponto tão importante da moral social a jurisprudencia tenha podido hesitar.

Preceitos de hygiene

O DESENVOLVIMENTO DA CREANÇA

O desenvolvimento normal da creança exerce uma grande influencia no seu futuro: elle deve portanto ser a preoccupação de todos os instantes da mãe e de toda a sua solicitude. Um corpo bem desenvolvido, além de todas as vantagens, junta ainda a belleza e tem como uma das condições essenciaes a bôa saude.

O exercicio ao ar livre é um dos mais poderosos meios do desenvolvimento physico das creanças: deve-se, portanto fazer o possivel para que ellas possam fazer esse exercicio salutar.

Mesmo quando uma creança é bem conformada de nascença, não quer dizer

que se deva abandonal-a e não se preoccupar com o seu desenvolvimento, longe d'isso; uma porção de circumstancias, que é impossivel prever, podem vir entravar esse desenvolvimento. Antes de tudo, é preciso procurar a causa desse desarranjo, que póde residir seja na maneira de deitar a creança seja no uso mais frequente de um braço que do outro (jogo de bola ou de peteca). A's vezes é impossivel descobrir a causa, e o mal vae proseguindo; é preciso então que se recorra logo a um medico orthopedista, aquelle que fez um estudo especial da sciencia que tem por fim corrigir ou fazer parar as deformidades nascentes do corpo e dos membros.

Quando não ha facilidade em recorrer logo ao medico, a mãe sensata e perseverante póde obter grandes melhoras e mesmo a cura completa quando procura oppôr-se ao mal logo que o descobre. Assim ella póde fazer executar muitas vezes por dia um exercicio regular ao braço collocado do lado em que o hombro parece estar se desenvolvendo imperfeitamente, na perna cujas cadeiras parecem relativamente fracas e pouco desenvolvidas.

Deve-se fazer deitar sem travesseiro a creança que tem disposição para se curvar; em todos os casos é sempre vantajoso fazer a creança dormir com travesseiro baixo, em cama perfeitamente plana e antes dura que molle.

PENSAMENTO

Exagerar a sua força é trahir a sua fraqueza.

CONSELHOS PRATICOS

MANEIRA DE TIRAR O GOSTO DE ROLHA DO VINHO

E' possivel aproveitar o vinho, mesmo tendo um gosto pronunciado de rolha, para com elle temperar as comidas.

Numa garrafa que contenha o tal vinho deita-se uma colher de azeite, depois agita-se bem a garrafa. O azeite dividir-se-ha em uma infinidade de pequenos globulos penetrando em todas as partes do liquido deteriorado, tirando assim a maior parte do mau gosto. E' preciso agitar muitas vezes por dia a garrafa que contém o vinho addicionado com azeite.

Deixa-se depois descansar e no fim de vinte e quatro horas faz-se sahir o azeite que subiu á superficie; juntando vinho para fazer transbordar o liquido, o azeite sae. O vinho então está prompto para ser usado na cozinha.

MEIO DE TIRAR MANCHAS ANTIGAS DE CAFÉ OU CHÁ

Deve-se primeiro humedecel-as com agua fria, depois cobrir a parte manchada com glycerina; deixa-se assim duas ou tres horas, depois ensabôa-se com agua fria; se o resultado não fôr completamente satisfactorio renova-se a operação.

Mme. Selda Potocka, antiga assistente da clinica do dr. Buchener, de Londres, responderá a todas as consultas sobre tratamento da pelle e do cabello e hygiene da mulher. Dirigir correspondencia para a Rua Paysandú 111 Rio de Janeiro.

Angelica (Bahia) — O mal de que se queixa cura-se depressa com applicações de luz. Não lhe sendo possivel fazer uso d'este tratamento, obterá o mesmo resultado, mais lento, com o tratamento hygienico da pelle. O exito depende da perseverança. Encontra a pags. 7 e 8 do prospecto que acompanha a *Loção de Embellezar a Pelle* indicado o seu tratamento. Os meus preparados acham-se á venda na casa Manso e Ca.

Mme. N. (Minas) — Pode sem inconveniente applicar o meu depilatorio no pescoço e rosto. Quanto mais delicada fôr a cutis mais suavemente se deve preceder á fricção com a pedra pomes. Ha nas drogarias pedras pomes já talhadas e de que geralmente usam as manicuras. São as melhores para este effeito.

Mme. T. (Bahia) — A electrolyse é uma operação delicadissima, que só pode ser praticada por quem tenha uma longa experiencia.

SELDA POTOCKA

Toda a correspondencia para esta secção deverá ser enviada para o consultorio do cirurgião-dentista ALEXANDRINO AGRA, *á rua Rodrigo Silva, 28-1.° andar. — Telephone 1838 Central. — Rio de Janeiro.*

UM CONSELHO POR SEMANA

(Este é para collegas)

Reunindo-se em Julho do proximo anno, nesta capital, o 3° Congresso Odontologico Latino-Americano, a nossa responsabilidade cresce de vulto tanto mais quanto os nossos collegas extrangeiros já promettem para esse conclave copiosa contribuição de trabalhos scientificos.

A Commissão Organizadora do 3° Congresso Odontologico Latino-Americano, da qual faz parte o autor destas linhas, esperando que cada profissional saiba cumprir o seu dever, espera tambem que o pavilhão da nossa patria seja bem altamente collocado nesse certamen scientifico-odontologico pela contribuição valiosa e patriotica dos cirurgiões-dentistas brasileiros.

Temos apenas 12 mezes para preparar os nossos trabalhos scientificos que, pela sua natureza, jamais poderão ser preparados á ultima hora, a não ser que nos sujeitemos a serios revezes por occasião de defendel-os em plenario, o que por certo não se ve. ficará se desde já dedicarmos algumas horas diarias ao preparo das nossas theses.

* * *

Vieira de Albuquerque (Minas Geraes) — Compressas com agua gelada na região imflammmada. Internamente, comprimidos Cessatyl. Tome um de 3 em 3 horas, até ao maximo de 5.

Vicente Azevedo de Almeida (Rio Grande do Sul) — Depois das refeições, de preferencia.
2° — O Kolynos, por exemplo.

Salustiano Berla (Rio Grande do Sul) — Antes de deitar-se, passar sobre os dentes leite de magnesia com auxilio de um algodão.

A. N. M. M. (S. Paulo) — A pericementite está ligada á infecção dos canaes radiculares.

Como combatel-a se a causa persiste?

Remova a obturação e desobstrua os canaes, irrigando-os no dia em que os abrir com uma solução antiseptica, sem tentar collocar mechas, pois a pratica nos indica que esse é o melhor processo.

Dias depois, quando a pericementite entrar em franco declinio, procure cautelosamente introduzir mecha nos canaes, mas introduzindo pouco, sem que o algodão attinja o ponto maximo.

Carlos Nogueira de Oliveira (Minas Geraes) — Extracção.

Feliciana Moraes (Capital) — Aos seis annos, em geral.

Candida Lemme (Rio Grande do Sul) — Chapa dupla.

ALEXANDRINO AGRA